

31, Setembro, 1932, no. 31

## APPELO AO BOM SENSO ✓

( PUBLICAMOS EM SEGUIDA AS RESPOSTAS QUE AO APPELLO DAS GRANDES ASSOCIAÇÕES NÃO POLITICAS DA CAPITAL DO PAIZ, PUBLICADO EM NOSSO ULTIMO NUMERO, DIRIGIRAM O CHEFE DO GOVERNO PROVISORIO E O GOVERNADOR DO ESTADO DE S. PAULO.)

Em 11 de Agosto de 1932 — Exmos. Srs. Drs. Miguel Couto, Lacerda de Almeida e Alceu Amoroso Lima.

Tenho o prazer de accusar o recebimento do apelo que, por delegação de diversas instituições de classe e personalidades de relêvo em nosso meio cultural, VV. Exas. dirigiram ao Chefe do Governo Provisorio, em favor do restabelecimento da paz no seio da familia brasileira.

A nobre iniciativa que VV. Exas. traduziram em moção, inspirados em altos sentimentos de patriotismo, vem de encontro ás reiteradas manifestações de magnanimidade e tolerancia, com que o Governo Provisorio tem enfrentado a lamentavel situação criada ao pais, pelo movimento sedicioso de S. Paulo.

Como Chefe do Governo, procurei sempre pautar meus atos, alheado de odios, de prevenções, e esquivo a excessos de poder. Assim procedendo, visava dar firme exemplo de cordura e serenidade, confiando em que o apaziguamento dos espiritos se fizesse com toda a brevidade. Mais do que ninguém, julgava necessaria a paz, para que a Nação, restaurada as suas energias e refeita dos abalos sofridos, retomasse o ritmo ascensional dos seus destinos.

Agora mesmo, o (Governo Provisorio) agredido de surpresa e sentindo a incompreensão injusta de suas superiores intenções, nada mais faz do que pugnar com equanimidade, sem espirito de vindicta, pelo restabelecimento da ordem, que equivale á defeza e ao asseguramento dessa preciosa paz,

indispensável á própria realização das conquistas revolucionárias de Outubro, entre as quais figura a reorganização constitucionalista do país.)

Coerente com os meus propositos amplamente divulgados, cumpro o grato dever de agradecer a atenção de VV. Exas., expressando, ao mesmo tempo, sinceros votos para que os nossos patricios em armas ouçam o patriotico apelo que lhes é dirigido, pela voz serena e fraternal de altas personalidades e instituições representativas do nosso progresso social e economico e da cultura brasileira.

Queiram VV. Exas. aceitar os meus protestos de elevado apreço e distinta consideração. — (a) *Getulio Vargas*.

Gabinete do Governador do Estado de S. Paulo.

Em 17 de Agosto de 1932 — Exmos. Srs. Drs. Miguel Couto, Lacerda de Almeida e Alceu Amoroso Lima.

Acabo de receber, com o vosso officio de 8 do corrente, a representação a mim dirigida pelas grandes forças morais produtoras, inteletuais e educativas que constituem, na capital da Republica, a massa dos que trabalham pelo bem comum da nacionalidade. O apelo, nele expresso, para um entendimento entre os que apoiam a ditadura e os que se batem pela constitucionalisação imediata do paiz, antes que novos odios venham acirrar os animos e exaltar os ressentimentos, só não encontrará éco nos espiritos impenetraveis pelo sentimento do respeito ás tradições liberais do nosso paiz, educado e engrandecido num regime de ordem jurídica, sem o qual não vivem os povos fortes e construtores. Tudo fizeram os dirigentes das correntes politicas de São Paulo, do Rio Grande do Sul e de Minas Gerais para que se constituísse um governo de concentração nacional, que apressasse a reimplantação da lei no Brasil. Malgrado esse patriotico proposito, teria de vir, e veio, o movimento armado, como sua inevitavel consequencia. Combinado entre os tres Estados e forças do Exercito Nacional, pelos seus órgãos representativos, tomou-lhes São Paulo a iniciativa. Dado o golpe, viu-se ele em combate tendo apenas Mato Grosso ao seu lado, no terreno da luta, embora com o apoio espiritual de toda a consciencia civica da Nação. Arcou com as responsabilidades da campanha. Mobilisou todas as suas forças militares, civis, industriais, agricolas, economicas, afetivas.



E isso no sentido da obtenção da paz pela constituciona-  
lização imediata do paiz. O seu ponto de vista está, em tése,  
afóra pormenores implícitos, manifesto na seguinte nota,  
entregue ao Dr. Mauricio Cardoso, emissario do General  
Flores da Cunha, interventor federal no Rio Grande do Sul:

“Respondendo ao emissario do Interventor do Rio Gran-  
de do Sul, o movimento constitucionalista declara que não  
é nem póde ser infenso á prompta celebração da paz. Para  
isso, aceitará uma formula que em substancia consista na  
entrega do governo a uma Junta Nacional ou governo de  
Gabinete, que leve o paiz ao regime constitucional no menor  
prazo possivel e que se limite a usar dos poderes discreciona-  
rios absolutamente indispensaveis na situação efemera em  
que nos achamos. Estão subentendidas naturalmente as  
clausulas accessorias desta formula, como seja a manutenção  
do Governo de S. Paulo e das autoridades civis e militares,  
assim como dos atos por elas praticados”.

Reproduziu-se, dias depois, o mesmo pensamento no  
seguinte telegrama expedido pelo Dr. Waldemar Ferreira,  
meu secretario da Justiça e da Segurança Publica:

“Dr. Mauricio Cardoso — Rio de Janeiro — Regres-  
sando do interior do Estado só hoje posso responder ao seu  
cifrado de 12 pt A formula, nele reproduzida, é a mesma ca-  
pitulação, que julgastes inapresentavel, quando aqui esti-  
vestes e que não perde esse carater com o aditivo, tantas ve-  
zes repudiado pela Nação quantas sugerido, de uma cons-  
tituição provisoria outorgada pela ditadura pt Não poderá  
São Paulo aceital-a sem quebra da nobreza dos seus senti-  
mentos civicos e nacionais pt Não fazendo uma campanha  
personalista, nem disputando cargos administrativos na fe-  
deração, veiu ele, por força das circunstancias, á luta armada,  
confiado na solidariedade do vosso partido e de vossa gente  
e por forças militares, animados todos do mesmo sentimento  
que vos levou a abandonar a nossa pasta de ministro da Jus-  
tiça pt Diante da palavra empenhada por gauchos e mineiros  
foi que São Paulo se atirou á guerra pt Considera-a meio de  
obter a paz, a imprescindivel paz de que o nosso paiz tanto  
carece, dentro da ordem juridica pt Mas somente poderá  
aceitar uma formula condigna entre irmãos, capaz de fazer  
cessar as hostilidades e esquecer os ressentimentos da luta pt  
Se anima a todos o proposito de constitucionalisar o paiz

quanto antes, marcando-se desde logo a data da realização da Constituinte e antecipando-se as eleições; se se der ao paiz um governo coletivo, que corresponda á expectativa do paiz — São Paulo poderá aceitar a pacificação imediata, desde que se lhe assegure a continuidade do seu governo civil e das suas autoridades militares, mantidos os atos por eles praticados pt Tudo vem dando São Paulo pelo Brasil, desde a vida de sua brilhante gente, o que de mais sagrado possui pt Suportará todos os sacrificios menos o da sua dignidade de povo livre pt Se falais pelo Ditador ou pelo interventor gaucho, lembrai-lhes que acima dos interesses e das paixões individuais ou de facções, colocou São Paulo os da Patria Brasileira, seguindo as diretrizes da campanha Liberal pt Aguardando ainda vossa palavra pois estou certo que, como um dos precusores do movimento constitucionalista, aplaudirei a attitude aqui consignada, reitero-vos os protestos de minha mais viva estima. (a) *Waldemar Ferreira*".

Outra preocupação não alimenta S. Paulo senão a de alcançar uma victoria que reinstaure a harmonia, a justiça e o progresso material e espiritual do Brasil.

Valho-me do ensejo para apresentar-vos, com este animo de paz, os protestos de minha mais alta estima e consideração. — (a) *Pedro de Toledo* — Governador do Estado de São Paulo.

\* \* \*

(Fracassou) como se vê e como todos sabem, a tentativa de uma paz no inicio das hostilidades, antes que o sangue de irmãos fosse derramado em abundancia (antes que os odios se acirrassem e que a ruina do Estado e dos individuos se precipitasse.) Hoje em dia só Deus sabe como terminará esse tragico episodio de nossa vida nacional, em que o espectaculo de tenacidade que os paulistas estão dando não altera a logica de um golpe, que é mais um elo sangrento das revoluções *liberaes* destes dez ultimos annos.

No 3.º volume das "Memorias" do Principe von Bulow, ex-Chancellor do Imperio e ex-embaixador da Allemanha na Italia, conta elle o seguinte episodio das tentativas desesperadas que o Papa Bento XV fez em favor da paz.

"Para elle, o supremo dever em face da guerra era terminar a carnificina o mais depressa possivel ou pelo menos



limitar a sua extensão. Encarregou o Cardeal Piffl, Cardeal-Arcebispo de Vienna, de falar nesse sentido ao velho imperador. Francisco José, que contava então 84 annos, recebeu o Cardeal, que modesta e timidamente repetiu as instrucções recebidas do Santo Padre.

O Imperador nem mesmo o deixou terminar. Sua velha face enrugou-se de odio, segurou Piffl pelo braço e literalmente jogou-o fóra do quarto”...

\* \* \*

(Agora, só as armas pódem decidir do prelio travado entre S. Paulo e a Dictadura. Vencerá o mais forte. Mas qualquer que seja o resultado, teremos de enfrentar uma situação gravissima, com a demonstração comprovada de que uma revolução meramente politica como a de 1930, sem grandes idéas e sem grandes homens, nada póde crear de duradouro e de que a volta a uma constituição simplesmente “liberal”, como a de 1891, nada resolverá. E como, nesses momentos de agitação e de desordem, como o que vivemos, á terminação da lucta armada succede sempre uma exacerbação de todas as demagogias esquerdistas, a nós catholicos cumpre cada vez mais o dever de uma união sagrada em torno dos nossos chefes e de uma actuação mais decisiva, pelas nossas forças eleitoraes e culturaes, em todos os concelhos formadores da Nação. Acima de quaesquer sympathias humanas ou resentimentos regionaes estão os grandes principios christãos que defendemos e de cuja intervenção na vida publica e particular depende o futuro da nossa patria e de toda a nossa civilisação.)

# A MAÇONARIA NO BRASIL (\*)

LUCIO JOSE' DOS SANTOS

(CONCLUSÃO)

## IX

A MAÇONARIA NOS ULTIMOS TEMPOS DA MONARCHIA

3.º *Periodo posterior á questão religiosa* — Algumas pessoas, especialmente nos meios hostis á Igreja, entendem que a questão religiosa no Brasil ficou sem solução. Com effeito, dizem ellas, apezar da Encyclica *Exortae in esta ditone*, continuou o *Syllabus* a ser letra morta no Brasil. Alem disso, a reforma das Irmandades e Confrarias, que o Pontifice esperava realizar de accordo e com o auxilio do governo, não se fez. Allegam ainda que os bispos, com pequenas excepções, não protestaram contra os actos do governo; as ordens terceiras, as irmandades e confrarias se conservaram inertes; os catholicos não reagiram, não pregaram a revolta contra o poder temporal. Assim pois, foi inutil, a todos os respeitos, o sacrificio de D. Vital e de D. Macedo Costa.

Semelhante modo de pensar procede de um conhecimento superficial do assumpto.

Para uma apreciação segura, no caso, é necessario attender ás considerações seguintes.

1.ª — Era por demais obscura a situação da Maçonaria no Brasil, sendo opinião dominante nada ter a mesma com questões de ordem religiosa, nem se referirem a ella as condemnações já lançadas por varios Pontifices contra a Maçonaria universal.

2.ª — A questão foi habilmente disfarçada e obscurecida em Roma, pela diplomacia brasileira. Não estava em jogo a infallibilidade do Papa. Tratava-se apenas de questões entre a Santa Sé e um paiz catholico, vivendo em regime de união concordataria, sendo natural que pudesse aquella fa-

(\*)—Vide "A Ordem", ns. 29 e 30.



zer a este grandes concessões, desde que não importassem em sacrificio da doutrina.

3.<sup>a</sup> — Jamais aconselhou a Igreja aos seus fieis a revolta material contra o Governo, que os opprime. Não terem reagido os catholicos, no terreno em que o desejariam os escriptores inimigos da Igreja, é já uma prova de que andaram bem. Releva notar que, apesar de tudo, foi brilhante e consolador o movimento da opinião publica em favor dos Prelados prisioneiros. Basta ver o que diziam varios jornaes; o que faziam não poucos parlamentares; o que significavam protestos varios, subscriptos por innumeras pessoas, procedentes de varios pontos do paiz e entregues aos heroicos Bispos. Não eram apenas os simples particulares que assim se manifestavam, mas as associações, as municipalidades etc.

Certamente, fôra para desejar verdadeira unanimidade da parte do Episcopado no profligar e condemnar o procedimento do Governo. Mas, a culpa estava no proprio regime vigente, com o *placet*, com a apresentação, com o padroado.

Finalmente, é preciso reconhecer que, exactamente por causa do brilhante movimento da opinião publica, cahiu o ministerio Rio Branco e veiu a amnistia.

4.<sup>a</sup> — Não dependia só da vontade do Papa a reorganização das Irmandades e Ordens terceiras; era indispensavel a cooperação do Governo imperial, dado o regime em que viviam a Igreja e o Estado. A Igreja é paciente; aguardou melhores tempos; e não se enganou. Treze annos apenas, após a Encyclica, ruia o Imperio; e a Igreja brasileira pôde reorganizar-se sem a cooperação, que ás mais das vezes era um obstaculo, do poder civil.

5.<sup>a</sup> — A lucta religiosa não foi esteril, nem perdido ficou o sacrificio dos Bispos de Olinda e Pará. Cego é quem não descobre as grandes e importantes consequencias daquelles dolorosos acontecimentos. A Maçonaria foi desmascarada, quanto aos seus objectivos no ponto de vista religioso, e desilludidos ficaram aquelles, que julgavam poder conciliar a crença catholica com a qualidade de *filhos da viuva*.

Delimitar os terrenos, precisar os pontos de doutrina, reconhecer e caracterizar os objectivos: haverá resultado de maior alcance e importancia?

Desde a questão religiosa, perdeu a Maçonaria brasileira a sua aureola de sociedade patriotica e beneficente, sem ligações com a Maçonaria européa, sem incompatibilidade com a crença catholica.

Illudindo, pôde ella penetrar fundo no meio christão. Desencadeada a lucta, conseguiu ella enganar a muitos, obscurecer os seus verdadeiros objectivos e produzir grande mal. Como não havia de hesitar um catholico, na attitude a tomar em face da acção da Maçonaria, sabendo que desta faziam

parte innumerous sacerdotes e frades, muitos conegos e monsenhores e até bispos?

Não era natural suppor que agissem inconsiderada e precipitadamente os dous Bispos?

Inestimavel foi, pois, o serviço que nos prestou o rompimento da Maçonaria contra os Bispos.

As injurias, as calumnias, a grosseria, a brutalidade, o escarneo de Ganganelli prestaram-nos muito melhor serviço que as incoherencias adocicadas do Visconde do Rio Branco e de Alencar Araripe — Taes considerações são necessarias, no apreciarmos a lucta religiosa nos seus incidentes e nos seus resultados.

\*  
\* \*

Temos visto quaes os responsaveis nas differentes phases e nos varios incidentes da lucta. A quem cabe, porém, a responsabilidade de ter ido tão longe o poder civil, prendendo, julgando e condemnando a trabalhos forçados por quatro annos, como criminosos communs, dous Bispos?

Acredita-se, geralmente, que essa responsabilidade pesa sobre o Visconde do Rio Branco, Grão Mestre da Maçonaria. Entretanto, ao que nos affirma Joaquim Nabuco, ter-se-iam passado de outro modo as cousas: — Sem o apoio energico, voluntarioso, do Imperador, o Visconde do Rio Branco teria transigido; fiado mais da missão a Roma do que de uma condemnação judiciaria, teria deixado intervir a amnistia (1). Recebendo de Pio IX uma carta autographa, em que solicitava o Papa o perdão das penas impostas aos Bispos, disse o Imperador: O poder moderador não transige (2).

Affirma-se, mesmo, que recusou elle attender ás supplicas da sua propria filha, a Princesa Izabel.

## X

A MAÇONARIA NO PERIODO REPUBLICANO

Depois da questão religiosa, não tivemos, até hoje, incidente grave com a Maçonaria.

*Que pensar da importancia actual dessa sociedade no Brasil, dos seus intuitos, dos seus planos, dos seus meios de acção?*

Grave é essa questão; tentaremos resolvel-a com a maxima sinceridade, imparcialidade e lealdade.

E' corrente entre muitos catholicos, alguns de grande auctoridade e saber, que foi a Maçonaria a obreira da queda da monarchia, a ella se devendo, pois, a republica. E dizem mais, que o combate maçonico contra o Imperio procedia

(1)—Um estadista do Imperio. III

(2)—Ibid.



exactamente de ser o mesmo um governo catholico, circumstancia essa que seria aggravada com a morte de D. Pedro II e advento de D. Izabel, sabendo-se ser esta uma princesa fervorosamente catholica, que se deixaria necessariamente influenciar pelo Clero e arrastar em um movimento reaccionario e retrogado.

Invocam-se, em apoio desse modo de ver, varias *pranchas* maçonicas e as opiniões manifestadas por varios proceres da tenebrosa sociedade.

Que a Maçonaria tenha collaborado, embora sem preponderancia, no advento da republica, parece-me incontestavel. Que a acção maçonica contra o Imperio tenha tido por motivo a religião: eis o que não julgo susceptivel de ser demonstrado. Semelhante opinião é, podemos dizer, *inexacta a priori*.

A Maçonaria tinha sob a sua influencia os governos no regime monarchico. Com taes governos, mesmo havendo catholicos nos ministerios, pôde ella fazer tudo e chegar, contra a Igreja, a excessos raramente vistos. Porque derribar, então, o Imperio? Só porque receava a influencia de D. Izabel? Isso não é uma razão sufficiente, porquanto os homens continuavam os mesmos, como o mesmo continuava o regime politico. Nada auctorizava a prever que viesse a cessar ou pelo menos a decahir muito o prestigio da Maçonaria, com a morte de Pedro II e advento de Isabel I. Além disso, sendo o povo catholico, tendo a Maçonaria mais influencia nos elementos dirigentes do que no povo, e sendo a republica, theoricamente ao menos, o regime em que se manifesta em toda sua plenitude a vontade do povo, seria um erro de logica e de tactica, que a Maçonaria derribasse os elementos com que contava, para experimentar outros, cuja conquista iria ainda fazer.

Derribar o Imperio por causa do Catholicismo podia então chamar-se um illogismo; hoje, porém, podemos classificar como imbecilidade. A Maçonaria, que tudo podia contra a Igreja na vigencia do Imperio, preparar a Republica para libertar essa Igreja do regalismo, do padroado, do *placet* etc., para tornal-a livre de peias, de modo que pudesse realizar o incontestavel surto, que todos lhe reconhecem hoje: só mesmo muita imbecilidade!

Objectar-me-ão que, fazendo a Republica, não conseguiu a Maçonaria ter na mão os acontecimentos, e estes puderam encaminhar-se favoravelmente aos catholicos.

O argumento não procede porque, fazendo a Republica, fazia a Maçonaria a legislação republicana, e foi esta que possibilitou o progresso do Catholicismo. Dizer que o progresso da Igreja catholica no Brasil seja devido á republica, exclusivamente como forma de governo, é sustentar que a monarchia, tambem só como regime politico, era contraria



a esse progresso, sendo então incompreensível que a Maçonaria destruísse este regime para installar aquelle, si tinha em mira contrariar o progresso religioso. Na realidade, a questão não está na forma politica, mas no modo por que é esta realizada.

Os ideaes maçonicos propendem para o regime republicano. Mas, na realização da sua obra, é a Maçonaria muito prudente e muito habil.

Embora associando o odio á religião e o odio aos reis, soube sempre disfarçar-se; assim o juramento que prestava Garibaldi, na sua iniciação, não era o mesmo que se dava á ler ao Principe de Galles, futuro Eduardo VII, quando entrava este sob as abobadas do templo. Republicana, adaptou-se a Maçonaria ao regime monarchico na Italia. Fez o mesmo no Brasil, attendendo ás circumstancias, e pôde contar no seu gremio os principaes fautores da independencia, inclusive o proprio monarcha. Não sendo o imperio verdadeiramente favoravel ao progresso religioso, não é crível que se incompatibilizasse com elle a Maçonaria.

Em resumo, si a Maçonaria tivesse feito a republica, tel-a-ia realizado de outro modo.

\* \* \*

Si a Maçonaria fosse o factor exclusivo ou, pelo menos, preponderante da Republica, sendo elemento mysterioso, que age nas trevas e que, por isso, escapa ao exame dos estudiosos, seria incompreensível a queda do imperio e a implantação da Republica no Brasil. Ora, assim não acontece. Os factores historicos desses acontecimentos são perfeitamente conhecidos.

A idéa republicana nos vem desde o periodo colonial. Não fôra a circumstancia especial da transmigração da familia real para o Brasil e, certamente, ter-se-ia feito a nossa emancipação da metropole sob a forma republicana. Essa idéa jamais esteve morta no Brasil e o nosso contacto com os vizinhos, mesmo quando em lucta com elles, era de molde a nos approximar cada vez mais della.

A questão religiosa contribuiu, mais do que se pensa, para a queda da monarchia. Basta ler a Pastoral collectiva do Episcopado brasileiro, logo após a proclamação da Republica, para reconhecer que o regime então derribado não deixára saudades entre os catholicos.

Outra causa do advento da republica foi a abolição, porque, embora já devesse ter sido feita ha mais tempo e embora despertasse entusiasmo no povo, alheiou do imperio as sympathias dos fazendeiros e provocou uma crise gravissima na producção, cujos effeitos não podiam ser sanados de prompto, pois não era facil a transição do trabalho escravo para o tra-



balho livre. Por isso, com a sua grande clarividencia, o Barão de Cotegipe, a uma pessoa que lhe disse haver a Princesa imperial conquistado o coração do povo com a lei de 13 de Maio, respondeu: Mas, perdeu o throno.

Outro factor a considerar é a propaganda republicana, que já se fazia abertamente, que já se manifestara no proprio parlamento, e que, nos ultimos tempos, foi intensificada pelo Apostolado positivista do Brasil.

Dadas essas circumstancias, a questão militar veio precipitar os acontecimentos, provocando a derrocada da instituição monarchica, mais cedo do que se esperava.

Deodoro e Benjamin Constant foram os elementos principaes nessa ultima phase, isto é, o positivismo e o exercito irmanados na mesma campanha.

São esses os factores efficientes da queda da monarchia, deante dos quaes desapparece a acção maçonica. Si tivesse sido a Maçonaria o factor preponderante do advento da republica, repito, ter-se-ia feito esta de outra forma, como em Portugal, seguida de perto pela perseguição religiosa, pelas tentativas de escravização da Igreja, cousas que não se deram no Brasil.

Si alguns havia, que opinavam pela espera da morte de d. Pedro II, deve esse facto ser attribuido a um sentimento natural de respeito e mesmo de piedade pelo velho imperador, a cujas grandes qualidades todos faziam justiça. Julgavam crueldade inutil depor um homem velho, doente e bom, que reinára durante 58 annos, sempre amigo verdadeiro do Brasil, apezar de todos os erros que commetteu.

Esses mesmos escrúpulos não procederiam mais, ao iniciar-se o terceiro reinado.

Não me parece, pois, justificado que o desejo de esperar apenas o desapparecimento de D. Pedro II, para proclamar a republica, procedesse do receio pelos sentimentos religiosos de D. Izabel.

\* \* \*

Apezar das necessarias reservas, é incontestavel que a Igreja encontrou, na republica, um sopro de bem entendido liberalismo, que lhe permittiu um grande surto. Basta dizer que o Estado de Minas Geraes, hoje, conta tantas dioceses, quantas havia em todo o Brasil, ao cahir o imperio. As Ordens religiosas puderam desenvolver-se sem peias; a sua intervenção no ensino é intensa e efficaz. A separação entre a Igreja e o Estado, embora condemnavel em principio, se fez de modo feliz entre nós.

Tomando as cousas no seu conjuncto, não se pode negar que a situação religiosa é hoje mais florescente e animadora do que na vigencia do regime imperial. Não é, porém, nosso objectivo actual demonstrar cabalmente essa verdade.



E' certo tambem, que não tem sido brilhante a vida maçonica, no periodo republicano.

Onde existem lojas maçonicas, pelo menos nas cidades principaes, não são seus dirigentes ou mesmo simples membros della, as pessoas mais notaveis do logar, pelo saber, pelo prestigio, pela acção. Vemos capitaes de Estados, em que os chefes das lojas maçonicas são funcionarios de categoria inferior, pharmaceuticos e um ou outro advogado com pretenções politicas, pessoas sem merecimento, sem talento, sem habilidade, muitas até impopulares e antipathizadas.

Como attribuir grande força e prestigio a taes lojas? Porque não começou o prestigio maçonico por transmittir-se a esses pobres *veneraveis*, dando-lhes, si não melhor cotação social, pelo menos melhor categoria nos empregos publicos, mais dinheiro e força politica?

Acontece, frequentemente, que a Maçonaria adopta no seu gremio pessoas de incontestavel valor e merecimento, gabando-se disso as lojas. Na realidade, porém, são essas pessoas mettidas lá, quasi á sua revelia, ou em virtude de considerações de amizade, ou para não perderem eleitores, si são politicas. Essas pessoas, porém, não frequentam as lojas, nem mesmo lhes dão importancia.

No Rio de Janeiro, tem sido por demais visivel esse vezo da Maçonaria em se apegar aos poderosos, sem lhes ser de modo algum util, no dia da adversidade. Poderemos citar alguns dentre os multiplos exemplos.

Nilo Peçanha foi Grão Mestre muito festejado da Maçonaria brasileira. Ora, incontestavelmente, o prestigio desse estadista provinha de outras fontes — do seu grande talento, da sua habilidade politica, da sua capacidade de governo, da sua ligação com outros proceres da politica nacional etc.

No dia em que entrou em declinio o prestigio politico de Nilo Peçanha, de que lhe serviu a Maçonaria? Ou o abandonou, ou não o pôde salvar. Quizeram alguns catholicos attribuir á Maçonaria a apresentação da candidatura Nilo Peçanha contra a do Dr. Arthur Bernardes. E' um engano completo. A Maçonaria não tinha forças para isso; chegou mesmo a scindir-se, apoiando um e outro candidato, talvez receiosa das consequencias que lhe acarretaria a adopção exclusiva de uma das candidaturas ou a simples abstenção. Si a candidatura Nilo-Seabra teve origem maçonica, o resultado só pôde provar a impotencia da mysteriosa seita. Aliás, não era o Dr. Arthur Bernardes candidato dos catholicos, porque estes tambem se dividiram. Os seus processos de governo, a sua attitude na questão das emendas religiosas, para não desagradar aos positivistas, justificaram perfeitamente o modo de ver de muitos catholicos, a maioria talvez, que o não acompanharam.



Que tem feito a Maçonaria por Lauro Sodré, outro Grão Mestre? O prestigio do actual senador provem da parte que tomou na proclamação da Republica. Foi candidato á presidencia da republica, e estrondosamente derrotado. Poz-se a frente de uma revolta, e falhou com ella. Hoje, aguenta-se elle na politica, mais ou menos por meio de cambalachos politicos.

Poderíamos repetir a mesma pergunta, quanto a Thomaz Cavalcanti, que foi tambem Grão Mestre da Maçonaria. Nunca dominou no paiz: não conseguiu fazer passar o projecto de lei para a suppressão da nossa legação junto á Santa Sé, projecto que elle renovava annualmente; e afinal perdeu a cadeira que tinha na Camara.

Todos sabem em que condições se elevou o dr. Carlos Peixoto, moço de grande talento, representante querido da politica que, então, dominava em Minas, representante do pensamento mineiro e do pensamento do Presidente da Republica (Affonso Penna), na Camara Federal. A Maçonaria agarrou-se logo a elle; fel-o Grão Mestre Adjuncto. Cahiu Carlos Peixoto. Que fez a Maçonaria? Substituiu-o por outro. E isso ella tem feito varias vezes.

Repetiremos com mais razão ainda a pergunta, em relação a Fonseca Hermes, outro Grão Mestre. Este, apezar das suas habilidades, só valeu alguma cousa politicamente, durante o governo do Marechal Hermes, seu irmão.

E poderíamos citar alguns outros casos.

Sem ter sido Grão Mestre, conseguiu Pinheiro Machado um prestigio politico muito maior, em intensidade e duração, do que o de todos esses Grão Mestres sommados.

Não nos consta que fossem maçons os quatro mineiros que occuparam a presidencia da republica — Affonso Penna, Wenceslau Braz, Delfim Moreira e Arthur Bernardes.

Os outros chefes de Estado, sabidamente maçons, agiram sempre por motivos em que não se pode honestamente ver a influencia sectaria da maçonaria.

Diz-se que, por influencia maçonica, recusou o governo de Nilo Peçanha receber no Brasil os membros das ordens religiosas, expulsos de Portugal. E' preciso notar as circumstancias seguintes: 1.<sup>a</sup> — A prohibição referia-se só ao porto do Rio de Janeiro. 2.<sup>a</sup> — Demagogos, como Lopes Trovão, Coelho Lisboa e outros, faziam *meetings*, tentando sublevar o povo, de sorte que pôde o Governo, desculpa ou verdade, dizer que se tratava de uma medida meramente policial, pelo receio de graves tumultos. 3.<sup>a</sup> — Apenas procurado por um catholico (creio que o fallecido Dr. Candido Mendes), o Presidente da Republica, que então se achava em uma festa ou visita official, deu immediatamente ordem em contrario á do Chefe de Policia, podendo os Padres desembarcar.



Si houve, pois, intervenção maçônica, foi a Maçonaria completamente derrotada.

Casos de somenos importancia tem havido, explorados por elementos anticlericaes, como o caso dos Irmãos Maristas, o caso da menor Idalina etc., os quaes, entretanto, não puderam assumir o caracter de lucta religiosa.

Deve-se levar ao activo das instituições republicanas a jurisprudencia que se tem firmado, no mais alto tribunal judiciario do Brasil, a proposito de irmandades religiosas revoltadas contra os respectivos vigarios ou mesmo diocesanos. São bem conhecidos os casos do Mosteiro de S. Bento, da Irmandade da Gloria e outros.

Si a Maçonaria derribou o imperio, sobre o qual dominava, e procurou dominar a republica, depois de a ter dado á luz, estará então hoje em decadencia, porquanto, é fora de duvida que ella não brilha entre nós, mau grado os elogios e os gabos com que a si mesma costuma ornamentar.

Saudando em discurso ao Grão Mestre Adjuncto, Octavio Kelly, a 16 de Novembro de 1927, disse o Pod. Ir. General Moreira Guimarães que a historia do Grande Oriente do Brasil é a propria historia da nacionalidade. Disse ainda o orador, sem rir, que a Maçonaria é uma sociedade invisivel, mas não secreta, e que, sendo invisivel está, entretanto, em toda a parte. (1). Para o General, pois, tudo que somos e tudo que temos, devemos-o á Maçonaria.

Citaremos outro exemplo. Quando, na sessão de 16 de Novembro de 1927, foi recebido no segredo maçônico o deputado Basilio de Magalhães, dirigiu-lhe o presidente, dr. Gastão Victoria, palavras extremamente elogiosas. Disse-lhe o presidente que os clericaes não haviam poupado meios nem processos para arrancar da Camara aquelle "alto libertario e evangelizador", e que tal campanha "não fôra contra o homem publico, mas, aos seus ideaes, que eram os da Maçonaria".

Assim estimulado, ergueu-se o deputado mineiro, para agradecer, e "declarou ufano ou com ufania, que sua dedicação á Loj. Liberdade e Ordem, de Campinas, emfim, á Maçonaria, recebeu um grande premio, quando, na campanha em torno de sua candidatura a Deputado Federal, viu todos os elementos maçônicos do Estado suffragarem o seu nome. E' que apenas encetara a lucta no seu municipio, o mais catholico ou mais carola do Estado, tivera a rude franqueza de proclamar que era Maçon e se orgulhava disso (2). Demais dentro da Camara houvera discutido questões sociaes, quaes as emendas religiosas, empenhando-se com todo o enthusias-

(1)—*Boletim do Grande Oriente do Brasil, Orgão Official*, ns. 11 e 12 de Novembro de 1927.

(2)—Ninguém sabe de tal declaração.



mo, como o fizera, na qualidade de simples operario de nossa Ord., na defeza das idéas que bebera no mundo maçonico (1).

Ninguém, em Minas, nem mesmo o illustre recipiendario maçonico, ignora que a eleição d'elle foi devida exclusivamente ao facto de figurar na chapa official do P. R. M., contra o qual era inutil luctar, taes os processos empregados na eleição, na apuração e, principalmente, no reconhecimento. Além disso, a entrada de Basilio Magalhães na chapa do P. R. M. pode ser attribuida a tudo menos á sua qualidade de maçon, qualidade de que, aliás, não fez declaração publica, como diz. Tanto assim é que, na eleição seguinte, a 1.º de Março de 1930, não figurando em chapa e embora contando com o apoio decidido do Governo Federal, soffreu a mais estrondosa derrota de que ha memoria em S. João d'El-Rey, não chegando a obter quinhentos votos, quando outros candidatos alcançaram trinta mil.

A verdade é que tão pouco foram os maçons que o elegeram, quanto foram os catholicos que o derribaram.

Quizesse o illustre orador apresentar-se extra-chapa, como candidato maçonico, mesmo em um municipio menos *carola* que S. João d'El-Rey, e seria inevitavelmente derrotado para qualquer cargo.

Quem quizer conhecer até que ponto chegam as illusões historicas e as jactancias da Maçonaria, e ao mesmo tempo, os seus intuitos em materia religiosa, não tem mais que ler o "Livro Maç.: do Centenario" (Or. do Rio de Janeiro, 1922, E: V:), organizado pelos Iir. Octaviano Bastos, Optato Cajurú e Everardo Dias.

A Maçonaria não pode ignorar, nem desconhecer, nem desprezar o Catholicismo; contenta-se com injurial-o, lamentando alguns irmãos que ella não tenha no Brasil a mesma situação que goza na França e nos Estados Unidos, porque "O Brasil não chega ás sandalias do ultramontanismo corruptor e viciado ao serviço de um dictador deificado", como disse o dr. Pacheco de Andrade, em discurso na citada sessão de homenagem ao dr. Octavio Kelly, a 15 de Novembro de 1927 (2).

\* \* \*

A revolução de 3 de Outubro de 1930 constitue outra prova de que não é tão grande o prestigio da Maçonaria, nem tão frequente e decisiva a sua intervenção nos acontecimentos. Entre os promotores, dirigentes ou influentes desse grande movimento, encontramos dous grupos: militares, animados de sentimentos e orientações muito conhecidas e que se não

(1)—*Boletim do Grande Oriente do Brasil, Orgão Official*, n. 1 de Janeiro e Fevereiro de 1928, pags. 37 a 41.

(2)—As linhas que seguem datam de Julho de 1931.



podem qualificar como maçonicos, e civis formados especialmente, pelo menos os principaes, de catholicos e de positivistas ou sympathicos ao positivismo.

Certamente, terá havido maçons tanto entre os revolucionarios, como entre os partidarios da legalidade; mas, a orientação do Governo dictatorial em face da Igreja, orientação francamente affirmada e praticamente verificada, por actos e não só por palavras, dando aos catholicos maiores esperanças do que no regimen decahido, demonstra que ou não entraram na revolta os maçons, como taes e em vista das ideas maçonicas, ou então ficou entre os vencidos a sua grande maioria.

\*  
\* \*

Qual, em resumo, a conclusão desta exposição e exame historico-critico?

Os maçons exageram o merito, o prestigio e a força da sua seita. Por sua vez, tirando da leitura de pranchas isoladas, onde a vaidade engrossa a voz e desata a vangloria e a intimidação, illações injustificadas, muitos catholicos ampliam a importancia da Maçonaria e querem ver-lhe o dedo em toda a parte. Collaboram assim, sem o querer, com os inimigos, attribuindo-lhes um valor, que não possuem, e tornando-os mais temiveis.

Não sustentarei que seja inoffensiva a Maçonaria. Provei exactamente o contrario, mostrando que os seus intuitos no Brasil são os mesmos que ella alimenta em toda parte. Mostrei ainda quanto mal nos pôde fazer, e maior nos desejou. Quer dizer que, de subito, poderá ella provocar uma lucta religiosa, que devemos a todo custo evitar, por amor á religião e á patria. Não creio, porém, que tenha ella elementos, como na monarchia, e esteja nas condições de desencadear as mesmas tempestades.

Penso que os catholicos, attribuindo á Maçonaria uma intervenção permanente e quasi sempre efficaz, na obra dos nossos governos, commettem duplo erro. Em primeiro logar, augmentando-lhe o prestigio e a audacia. Em segundo logar, diagnosticando erradamente a molestia, empregam remedios errados, inadequados ou mesmo contraproducentes, que aggravam os males em vez de sanal-os.

E' necessario que tenhamos da realidade uma noção mais exacta e precisa. Não devemos desdenhar nem temer a Maçonaria. E' um inimigo perigoso pelos seus intuitos, mas que não dispõe da força que se lhe attribue.

Tratemos de fortificar as nossas posições, consolidar as nossas fileiras e desenvolver as nossas obras, para que estejamos em condições de luctar com vantagem, melhor do que o puderam fazer os nossos correligionarios de 1872, quando



soar a hora. O pavor da molestia é prejudicial á saude; o que se aconselha é manter bom o estado geral do organismo e adoptar precauções racionaes.

Não exageremos o prestigio e os recursos da Maçonaria, della fazendo o espantallo dos catholicos, na crença de que é invencivel, que tudo tem feito e tudo pode fazer, sendo inutil qualquer resistencia. O resultado é o desanimo, é a inercia.

Com a preocupação da Maçonaria, não nos esqueçamos de outros inimigos, que ahi estão.

Temos o protestantismo, o espiritismo e, sobretudo, agora, o communismo.

Para fazer frente a tantos inimigos, estamos bastante desprevenidos. Falta-nos disciplina e até a simples harmonia de vistas. Temos visto campanhas catholicas apoiadas em Minas e combatidas no Rio de Janeiro, e vice-versa.

Faltam-nos associações cohesas e firmes, para agremiar e coordenar os nossos esforços.

Falta-nos, sobretudo, a imprensa. Os nossos jornaes são fracos, sem força na opinião. Não temos grandes diarios catholicos, de valor e prestigio, como, mesmo sem ir á Europa e America do Norte, conhecemos alguns magnificos nos nossos vizinhos da America do Sul.

E' preciso, pois, que o pavor da Maçonaria não comprometta e annulle os nossos esforços.

## D. VITAL (\*) <sup>x</sup>

JOSE' MARIZ DE MORAES

Num nicho, cavado na parede do lado direito de quem entra, na sacristia da igreja da Penha, no Recife, existe uma pequena urna de madeira, trabalhada com um certo luxo de entalhe, e escondida atraz de uma modesta cortina, onde se lê, simplesmente, num bordado: D. Vital. E nada mais.

Eis tudo quanto resta entre nós do moço pernambucano, que foi a figura mais eminente do Episcopado brasileiro. E cuja vida movimentada e ilustre, toda decorada com sacrificios e victorias, continúa a fornecer materia para a biografia mais interessante, em nitidez e colorido, que se pode destacar da perspectiva religiosa-social do segundo imperio no Brasil. Na realidade, o roxo liturgico desta murça contrasta fortemente, no dizer elegante do Sr. Gilberto Freire (1), com o cinzento amorfo das casacas ministeriaes daquele tempo.

Mas, apesar disso, os despojos do nosso patrono não mereceram ainda, até hoje, melhor sorte. Meio seculo faz que eles aguardam no Recife, um destino mais fecundo e mais digno, capaz de melhor lembrar ás gerações vindouras a sua lição heroica de afirmativa cristã. Que é, afinal, a mesma imutavel lição da Igreja; em todos os tempos, e em todos os lugares.

Este destino, que seria o de um mausoleo, por exemplo, provavelmente levará muito tempo ainda para se converter em realidade. Pelo menos, que me conste até agora, só tem havido palavras no tocante ao assunto. Os ossos de D. Vital proseguem no esquecimento. Abandonados pelos catholicos brasileiros em geral, mas, muito em particular, por nós do Centro D. Vital, e pelo nosso clero tão disperso, tão insufficiente, e ainda por cima tão esquecido de umas tantas coisas tão essenciaes.

---

(\*) — Discurso pronunciado na sessão solemne do Centro D. Vital do Rio de Janeiro, em 8 de Julho de 1932, commemorando o 50.º anniversario da repatriação dos seus despojos.

(1) — D. Pedro II. Conferencia feita na Bibliotheca Publica do Estado de Pernambuco, e publicada na Revista do Norte.



Faz exatamente 50 anos que foram transportados da França para o Brasil os restos mortaes do Bispo brasileiro. E é precisamente para comemorar esta data (transcorrida a 6 deste mez) que estamos aqui reunidos com uma certa solemnidade; e que eu vos venho falar pela primeira vez. Creio tambem que esta é a primeira vez que o Centro D. Vital do Rio, considerado, com justa razão, o expoente maximo da cultura catolica no Brasil, se digna ouvir um simples estudante.

Outra razão não ha para isso, senão a de ter eu recebido a melhor parte da minha formação social no antigo Palacio da Soledade (2), onde morou e onde foi preso o Bispo de Olinda. E de estar, tambem, por uma questão geografica de nascimento, identificado com alguns pontos e fatos mais interessantes desta vida historica.

Conheço pessoalmente uma sua irmã que ainda deverá viver hoje, em Itabaiana, interior do estado da Paraiba, e que me forneceu, por cartas, alguns dados interessantes e ineditos da vida do seu irmão. Por seu intermedio consegui de uma outra irmã, que morreu ha pouco tempo relativamente, mais alguns elementos historicos e familiares de Fr. Vital, enviados por escrito. Ha menos de dois anos visitei o marido desta ultima senhora que me contou, chorando, a morte da sua esposa, e a seguir me deu, como reliquia, um pedaço da fazenda de uma murça possivelmente, que pertencera ao seu cunhado. Distribui depois, com uma parcimonia muito explicavel, entre os admiradores mais fervorosos de D. Vital, pedacinhos desta reliquia. O que me valeu uma anedota um tanto leviana com relação á origem da propria reliquia. E de resto não muito elogiosa para mim. Assim: ha pouco tempo tive ocasião de ler numa carta dirigida a um amigo meu, palavras de um outro sobre o assunto, cheias, aliás, de um certo espirito. Estas diziam que me haviam dado um pedaço de pano de coar café, que eu andava espalhando ter pertencido a D. Vital. E esta afirmação feita por escrito, com a ironia fina de um *habitué* das elegantes *causeries* do seculo XVIII na França, partia de um homem ainda moço, que vivia ao nosso lado, lutando conosco em Pernambuco, onde a obra de reconstrução da vida de D. Vital é mais intensa.

Trata-se de um intellectual de valor que a cada passo declama Maritain com entusiasmo. Mas que talvez não admire D. Vital com a coragem que essa admiração requer. E não se interessa por estes pequenos factos.

Mas, eu vos dizia que os despojos do maior Bispo brasileiro continuam esquecidos num recanto humilde por culpa nossa. E não insistindo mais em comentar a anedota do intellectual do pano de coar café, que, por estar ausente, pode

---

(2) — Hoje Colegio Nobrega.



cheirar a maledicencia, eu prefiro voltar a atenção para nós mesmos e acentuar o nosso descaso. E pergunto (perdoem-me a indiscreção) o que aconteceria se inesperadamente fosse necessario cada um de nós dizer alguma coisa de essencial sobre a vida de D. Vital? Nós que nos consideramos vitalistas fervorosos, continuadores da obra fecunda de Jackson? A resposta dessa pergunta, tenho a dolorosa certeza que seria corarmos da nossa ignorancia injustificavel. Fatalmente.

Ora, se no primeiro caso o catolico ironista tinha talvez um pouquinho de perfidia que reforçava a nossa tendencia já grande para a desagregação, neste nosso caso agora abunda sem nenhuma duvida um desleixo, um desinteresse pelas nossas coisas que não têm perdão em quem é. E que é um indice a meu ver de outro grande erro brasileiro: a *desintegração*. Desintegração do nosso meio, da nossa propria realidade. Somos realmente um paiz de desintegrados. E a cada passo provamos isso. Falar deste vicio é ir ao ponto igneo da esfera vital brasileira.

Vivemos em tudo uma vida aerea, artificial, desambientada. Formamos o nosso espirito na mais candida ignorancia da nossa realidade viva. O resultado ahi esta: Não temos *nossa* lingua, não temos *nossa* musica, não temos *nossa* arquitetura, não temos *nossa* coisa alguma. A não ser este descaso muito particular pelas nossas proprias coisas, como sucede aqui no caso de D. Vital, talvez a figura mais proporcionalmente esquecida de nossa Historia. Bem sei que dizer essas coisas é logar comum, e que de nada adianta para a nossa sorte. Mas não ficarei ahi. Irei mais longe. Responde-se geralmente a esta carcomida observação com o outro chavão não menos gasto pelo uso: somos um povo muito novo ainda.

Temos apenas quatro seculos de existencia. E atraz desta facil observação historica acastelamos a nossa comodidade. E concluimos praticamente que o melhor é deixar o tempo correr... até que o Brasil seja suficientemente velho, para *começar* a construir uma vida verdadeiramente sua. Conclusão absurda. De má fé. Mas que é a causa principal das nossas proprias falhas. E á qual guardamos uma ortodoxia capaz de fazer inveja aos santos dos primeiros seculos cristãos. E vamos transmitindo religiosamente de geração a geração o nosso grande erro.

Movemo-nos constantemente a cada passo como se o Brasil não existisse para nós. O Brasil real com todos os seus problemas a resolver. O Brasil ainda menino, mas que nem por isso deve ser menos Brasil.

Se me permitem uma imagem que concretise o meu modo de encarar o brasileiro, eu direi que o tenho como um homem que só pode olhar o horizonte. E só aspira chegar até lá. E que de olhar fixo no inatingivel vae caminhando nesta direção, mas caminhando inteiramente alheio ao solo aciden-



tado que vae pisando, e sem ver os precipicios do caminho. Sem indagar dos mais experimentados. Emfim sem escolher um metodo seguro para avançar. Um professor catolico de uma faculdade de direito no Brasil, — homem de muito valor, aliás — falando uma vez de ensino me dizia que “o metodo pouco importa...” O metodo, entretanto (o *nosso* metodo é que eu quero dizer), deveria ao contrario em tudo ser tudo para nós. Porque é exactamente tudo que nos falta. O metodo, porém, quer adaptação, e a adaptação requer conhecimento do ponto sobre o qual se vae atuar. Transpondo isso agora para o plano de ação social temos que: é necessario se estar integrado no tempo e no espaço, em um determinado ambiente, para se saber qual o melhor caminho (metodo) a empregar afim de que a ação dos individuos ai seja plenamente eficaz, e coordenda dentro do plano arquitetónico da sociedade.

E isso não existe entre nós, — onde só a confusão e a indisciplina dos individuos é uma realidade tangivel. Não temos realmente esta noção de cooperativismo indispensavel ao progresso de qualquer nação, ou sociedade. E talvez se possa até atribuir a isso o fato particular de ainda não termos já não o *nosso* cinema, mas mesmo um cinema qualquer de certo vulto existindo entre nós. Na realidade falta-nos este “sentimento della disciplina collettiva che — no dizer de Ettore Margadona — il cinema esige” (3).

E, diante de tamanha crise de ordem, quando se tenta apanhar a origem de nossa Babel, o amor proprio entra logo em jogo quasi sempre com um ardil muito sutil. E via de regra recorreremos, com a sofreguidão do burro que leva uma carga de esponjas, para uma evasiva. O brasileiro é eminentemente especialista neste genero de desculpas bonitas.

Culpamos então o governo — esta entidade que se tornou vaga entre nós, pela variedade do uso que fazemos dela.

Mas esta evasiva explicavel na massa popular se torna imperdoavel na boca de uma elite intelectual. Eu vos pergunto, — e não me esqueço que o faço á elite do pensamento brasileiro — eu vos pergunto se não acharieis ridicula semelhante evasiva na vossa boca por exemplo? Nenhum de vós tem realmente o direito de julgar que, se todos vos puzerdes a agir com as forças vivas de que dispondes, agir disciplinadamente, o governo poderá desprezar a vossa orientação.

Demais que culpa tem o governo por exemplo que muitos de nós não nos interessemos muito por D. Vital?

E que desconhecendo a historia do mais eminente prelado brasileiro, que devia ser o nosso exemplo diario, nós co-

---

(3) — Il senso del cinema negli europei. — Il convegno. Fevereiro (1932). p. 47.



nheçamos ao contrario a fundo, com todos os detalhes, vidas inteiras de politicos, e até literatos estrangeiros? Cuja obra só nos pode interessar mais que a do Bispo de Olinda pela tentação de estar mais longe de nós...

\*  
\*  
\*

Falando do abandono relativo em que vivem actualmente os despojos do nosso Bispo, eu fui levado a tocar de leve nos dois grandes vicios de nossa vida. A *desintegração* que existe entre cada um de nós e a nossa realidade, e a *desagregação* que existe entre nós. Este dando como resultante a indisciplina de ação social e consequentemente o fracasso de qualquer tentativa de trabalho coletivo. De passagem citarei além disso a desagregação que existe não mais *entre nós*, mas já *dentro de nós*. E é a peor. Com respeito a este vicio limitar-me-ei, num lance rapido e sintetico de olhos sobre o panorama brasileiro, a fixar um pequeno detalhe. Que não tem valor absoluto por ser excessivamente esquemático, mas que não deixa de ter o seu peso relativo num estudo serio sobre o character brasileiro (ou melhor os caracteres brasileiros: o Brasil tende mais para o plural que para o singular). É o seguinte: com relação á desagregação interior, o brasileiro do norte, de espirito belico, peca quasi sempre por excesso de arrojo, de idealismo audaz, de ação imediata. Falta-lhe a prudencia fria, o conhecimento calculado da ação a emprender, a visão pratica das coisas. O brasileiro do sul, ao contrario, possui todas estas ultimas virtudes frias e intellectuaes. E geralmente peca pelo excesso delas. Faltam-lhe as anteriores. Pois bem, ainda dentro deste angulo de perspectiva, o exemplo de D. Vital é perfeito. Eu vos disse no começo que a sua lição dolorosa de vida é a mesma imutavel lição da Igreja, em todos os tempos, em todos os lugares. Ele foi de fato um cristão integral. Um exemplo classico de catolico.

Agora eu vos afirmo que, além do cristão perfeito, ele foi um brasileiro completo, por mais chocante que possa parecer a associação destes dois ultimos termos. Reuniram-se neste moço capuchinho num equilibrio maravilhoso — que é o traço predominante da sua vida — a coragem do homem do Norte, e a prudencia do homem do Sul. Ou noutros termos as duas sinteses dos dois padrões tipicos e até certo ponto antagonicos da raça brasileira.

Além disso teve que lutar contra os dois erros dos quaes vos falava antes. A *desagregação* e a *desintegração*.

A qualquer espirito superficial poderá parecer exquisito se dizer que D. Vital reagiu contra a desagregação, quando á primeira vista parece que exatamente isso é que foi o erro da sua imprudencia; e que foi desagregar o fato de exigir a re-



tirada dos maçons (por isso mesmo excomungados) das confrarias catolicas. Um observador mais profundo, entretanto, julgando de bôa fé, compreenderá facilmente que a agregação (no sentido em que falo) não é a reunião em massa de elementos heterogeneos, mas justamente o contrario. Justamente o que fez D. Vital. E que o papel do Bispo zeloso que cuidou de afastar do seu rebanho os que persistiam em não se afastar das *lojas*, não foi mais que o do homem racional que só tem por dever um caminho a seguir e o segue. E ele expurgou para *unir*. Os *maçons* recalcitrantes naquele tempo desagregaram ainda muito mais a Igreja no Brasil, do que o espirito de partidatismo politico o faz hoje em dia. E qualquer Bispo sincero que não fosse pusilanime, faria o mesmo. Do mesmo modo que qualquer um de nós deve expulsar da ação catolica, hoje, estes sentimentos de pessoalismos politiqueros, que têm o papel de outros tantos *maçõezinhos* a perturbarem a nossa união, a nossa coordenação, a nossa agregação eficaz.

D. Vital não foi um espirito de desagregação. Mas accusam-no do outro erro. Argumentam que agir como ele agiu foi no seu tempo *desintegração*, pois que a Igreja estava habituada a viver no ambiente regalista a que a arrastara o Imperio. E tentam concluir que D. Vital foi um desintegrado, por não se ter alistado na irmandade dos Bispos a que o Estado então estava acostumado. Bispos, na afirmativa de Nabuco mansos e submissos. Que vinham mantendo aquela impossivel e "agradavel paz", a que se refere com justa ironia, o P. Julio Maria.

Esta accusação, entretanto, só terá valor se se aceitar *integração*, como sendo submissão passiva á realidade atual. Quer seja esta bôa ou má. O que importaria num absurdo. *Integração* (integração no modo que entendemos aqui) tem, a meu ver, um sentido vivo. A palavra possui dois elementos antagonicos, estabelecendo em duas etapas o equilibrio da sua significação. Vejamos um a um. O primeiro é o da *aceitação* (como *conhecimento*) da realidade existente. O segundo é o da modificação ativa pratica a imprimir a esta realidade aceita pelo conhecimento. Se isto for necessario. Deste modo, o primeiro elemento tem que vir fatalmente, todas as vezes que se falar da *integração*. Porque o conhecimento da realidade é o primeiro passo a dar neste sentido. E o conhecimento tem que ser forçosamente passivo, isto é, *aceitar o que existe como tal*.

A primeira etapa de *integração* por consequente é meramente intelectual, cognoscitiva, especulativa e fatalmente receptora. Mas a *integração* não fica ai. Tem algo mais, e mais difficil. E a sua segunda etapa pertence já não ao intellecto, mas á vontade. E consiste — como a fé — na adesão ativa que o individuo faz se incorporando sem resistir nesta



realidade conhecida, ou, pelo contrario reagindo contra ela. E, naquele caso, as duas etapas são identicas. Aceitação pelo conhecimento, e aceitação pela vontade. Mas, é o caso de D. Vital, o individuo pode tambem reconhecer a realidade, como tal, e não querer aceita-la — v. g. por um dever de consciencia, sem estar por isso reintegrado nesta mesma realidade.

E D. Vital fez assim.

Reconhecendo o regalismo como o mal preponderante nas relações entre a Igreja e o Estado, desde a chegada á sua Diocese aceitou a existencia da realidade. Mas cedo revoltou-se contra esta. Com todas as forças do seu espirito moço.

O que contra a doutrina absorvente do Estado o frade capuchinho escreveu no seu tempo revela uma cultura, um tino, e até mesmo uma elegancia, de pasmar na sua idade. Creio que nada se escreveu de mais conciso sobre o regalismo no Brasil do que “o officio do Bispo de Olinda ao Governo Imperial expondo as razões por que não pode levantar os interdictos que lançou nas irmandades maçonisadas”. Aliás D. Vital—o intellectual é talvez a faceta mais desconhecida da sua historia.

Pela palavra reagiu contra o erro de sua epoca. Mas na sua epoca (como em todas) a palavra embora decidida só não bastava para reformar, reconduzir ao caminho certo, á realidade extraviada. A palavra decidida que saia da sua boca era ineficaz. Precisaria o exemplo, a ação: ou se quizer a reação — que não é mais que a mesma ação num ambiente hostile. Para nós catolicos, estas duas palavras se confundem quasi. No fundo a attitude interior do cristão é sempre a mesma, num ou noutro campo. Mas, eu dizia que D. Vital reconhecera a situação verdadeira da sua Diocese, ao assumir contra a sua vontade o elevado posto. E que a seguir reconhecera tambem qual deveria ser a sua atuação. E não trepidara em agir. A principio pela palavra, pelos ensinamentos. E a seguir pela oração e pelo exemplo. Desse modo vemos ele associou á ação o conhecimento do terreno em que agia, ou, numa palavra de recapitulação, integrou-se perfeitamente no seu meio. E tão bem o fez que ao se tornar um cristão perfeito, paralelamente se constituiria tambem numa associação milagrosa um brasileiro completo, como vimos.

Para terminar a nossa tentativa de ensaio, não resta mais que estudar agora as características da ação de D. Vital. Elas completarão a idea do Homem que foi tão completo. E avivaráo os traços da biografia mais coerente do II Imperio.

Tristão de Athayde falando a respeito de Jackson estudou a sua ação, mostrando que ela foi fecunda, porque não foi agitada, nem precipitada, nem ambiciosa. Os tres vicios que uma ação tem que evitar para não perturbar o seu equilibrio arquitetónico.



Transponhamos isso para o nosso caso e examinemos através estas 3 faces, a atuação generosa do Bispo de Olinda.

D. Vital não foi um *agitado*. Estava profundamente imbuido do espirito da ordem, para evitar esta anarquia interior que é a fabrica da agitação. Tinha uma noção segura da hierarquia das coisas. E nada é mais persuasivo neste particular — afóra a sua vida no claustro — do que as suas palavras, no officio já citado. “Peço encarecidamente a V. Ex. se digne ver nesta minha humilde resposta, não falta de obediencia, respeito e consideração para com o Governo de Sua Magestade, a quem em summo gráo venero e acato; mas um rigoroso dever de consciencia.

Desde o principio desta lamentavel questão, levei ao conhecimento do Santo Padre Pio IX, como era dever meu, uma fiel relação do que, em desempenho das arduas obrigações de minha santa missão, eu havia feito e tencionava fazer; e solicitei humildemente o seu juizo irrefragavel a respeito, inteiramente resoluto a lançar mão da penna, para de um só traço desmanchar tudo que estava feito, se assim m’o aconselhasse o Vigario de Jesus Christo. Mas, Exm. Sr., no mesmo dia, na mesma hora, no mesmo instante, em que ás minhas mãos chegava o aviso de V. Ex., acompanhado da resolução do Conselho do Estado, recebia eu, e pelo mesmo portador, a resolução do infallivel Vigario de Jesus Christo:

Tenho em mão o aviso de V. Ex., por cujo intermedio Sua magestade o Imperador me diz: erraste, retrocede; em a outra o autographo do immortal Vigario da infinita Magestade dos Céos e da terra, por meio do qual o Juiz incorruptivel de nossas almas me diz: andaste avisado, continua”.

Por este officio, e por outros documentos, se vê que, negando-se a cumprir o que o Imperador, no seu erro, persistia em *ordenar* no dominio espiritual, D. Vital ao contrario se confessava humilde subdito do monarca no terreno temporal. De passagem digamos que o erro de Pedro II na questão religiosa foi avocar para si a mesma questão, fazendo-a pessoal, como Nabuco confessa, e Vilhena de Moraes confirma.

D. Vital tambem não foi um *imprudente*. Não foi ele o provocador da luta, como a historia o demonstra. Demais não agiu de chofre, como Joaquim Nabuco tenta insinuar, no seu livro “Um Estadista do Imperio”. O Bispo de Olinda pelo contrario agiu muito gradualmente. E até com muita benevolencia. O interdicto foi o supremo recurso quando os irmãos mações se negavam publicamente a abjurar a maçonaria, que desafiara pelo jornal Fr. Vital para a luta aberta. E a prudencia ai seria então sinonimo de covardia.

Para os bem intencionados que conheceram de perto a historia deste espirito altamente caridoso a classificação de imprudencia aos seus atos só tem uma solução razoavel. E’ a de se ler para estes *prudentes* as palavras maliciosas do gene-



roso Balmes. O que peço licença para fazer. “El ceder es debilidad; el volver atrás, cobardia, el faltar al deber es manifestar miedo, es someterse a la afronta. El hombre de intención recta y corazón puro, pero pusilánime, mirará las cosas com ojos muy diferentes.

“Hay un deber que cumplir es verdad, pero trae consigo la muerte de quien lo cumpla y la orfandad de la familia. El mal se hará tambien de la misma manera; quizás, quizás los desastres serán mayores. Es necesario dar al tiempo lo que es suyo: la entereza no ha de convertirse em torquedad; los deberes no han de considerarse en abstracto; es preciso atender á todas las circunstancias; las virtudes dejan de serlo si no andan regidas por la prudencia”. “El buen hombre ha encontrado, porfin, do que buscava: um parlamentarrio entre el bien y el mal; el miedo con su proprio traje no servia para el caso: pero ya se ha vestido de prudencia.”

Não ha outra explicação para a *imprudencia* de D. Vital.

Prudente e ordenada a sua ação escapou ainda ao 3º vicio: a ambição. Se alguma coisa realmente ele ambicionou, foi não ter nada. Recusou, e insistiu na recusa da Diocese. Só a aceitando por obediencia. E como prova do seu desprendimento nada é mais incisivo, ao meu ver, que a meditação que ele compoz e recitava na Fortaleza de S. João. E' talvez a pagina mais expressiva, e mais desconhecida da sua vida, entre nós.

Como detalhe da sua desambição eu vos quero dar ainda a deliciosa oportunidade de ouvir as palavras cheias de uma simplicidade saborosa da sua irmã. Numa das cartas ineditas que possuo.

“Ficou triste quando o escolheram para Bispo; achava-se no convento de Itú, onde vivia muito satisfeito e feliz, encarregado de leccionar ou tomar conta de creanças. Aceitou a nomeação muito contra a sua vontade. Algum tempo depois” — é a sua irmã quem fala ainda — “ouvi-o dizer que tinha muitas saudades daquele tempo feliz e contava muitas graças e ingenuidades das creanças”. Por esta narrativa innocente, feita por quem já morreu, se tem bem nitida a noção de desinteresse do capuchinho.

Findando aqui a nossa tentativa de *croquis* para um futuro retrato de D. Vital, tentemos reconstituir o conjunto desta figura. Uma coisa se destaca logo nitidamente deste amontoado confuso de palavras. E' a coerencia absoluta desta vida heroica.

Ao meu ver o que mais se sente na biografia deste rapaque foi Bispo aos 27 anos, e que atraiu pela decisão e envergadura dos seus gestos largos, fortes, e prudentes, a atenção do Papa para o Brasil — é justamente este profundo equili-



brio arquitetônico. Sua vida deslumbra pela nitidez dos seus contornos, e pela serenidade da sua ação profundamente caridosa.

Possuo as virtudes mais antagonicas e agiu nos extremos mais opostos destas virtudes, sem perder um só instante a serenidade das suas linhas, calmas, e vivas, sem perder o seu equilibrio.

Eu dizia, e repetia que elle foi uma figura classica da Igreja. Insisto ainda uma vez neste ponto. Apenas quero dizer que dou a este termo não a noção do equilibrio geometrico grego, mas a mesma que dá Elie Faure quando afirma que toda a arte é classica, com a condição que seja viva. E acrescenta que o termo classico deve ser tomado no sentido do acordo existente entre a faculdade de sentir, e a de compreender". E' neste sentido que D. Vital foi um classico da Igreja. Já não no dominio da arte (fazer), mas no da ação (agir).

Se um dia se tivesse de recorrer a uma sintese artistica para se representar a historia de D. Vital, só uma arte, ao meu ver, poderia dar uma idea deste poema de ação catolica. Esta arte seria a escultura. Jogando com todos os planos ela empresta ás suas figuras uma solenidade discreta, ao mesmo tempo que exige um equilibrio perfeito de todo o conjunto, e uma decisão de traços, uma nitidez de contornos que só muita energia consegue. Baudelaire dizia que as duas condições essenciaes da escultura são a unidade de impressão, e a totalidade de efeito.

Pois bem: só uma arte com estas exigencias poderia se aproximar do vigor vivo, do carater a um tempo sereno e contrastado deste moço brasileiro. Sua coerencia de vida é de uma nitidez escultural. Seu equilibrio de virtudes é magistralmente arquitetônico. Sua vida é de um colorido deslumbrante e delicioso.

Toda a sua historia é um poema de nitidez cristã.

Só um traço ficaria *flou* no trabalho ideal desta escultura impossivel que imaginavamos. Seria aquele que tentasse decidir de uma vez se o Bispo de Olinda foi um confessor, ou ao contrario um martir da Fé Cristã no Brasil.

Que D. Vital lá junto de N. Senhor se lembre de nós que militamos aqui escudados com o seu nome, mas tão descuidados do seu exemplo, do seu espirito, e até mesmo dos seus proprios despojos. Que ha cinquenta anos esperam um destino mais justo.



# O RIO DE JANEIRO NO TEMPO DOS VICE-REIS ¶

AMERICO JACOBINA LACOMBE

O "Rio de Janeiro no tempo dos Vice-Reis" acaba de fornecer assunto para um vasto e belo volume da Revista do Instituto Historico. O Sr. Luiz Edmundo tem recebido de toda a parte os elogios mais rasgados e os aplausos mais calorosos ao seu trabalho realmente interessante.

O aspéto anedotico e pitoresco da historia do Brasil tem sido de fato pouco explorado, ou ao menos com habilidade. O Sr. Luiz Edmundo, dotado de notaveis qualidades literarias, consegue prender a atenção do leitor por todo o seu longo volume, aliando ás illustrações notaveis de sua obra, cenas e quadros literarios de grande interesse.

Tal era, porém, a anciedade com que esperavamos a obra do Sr. Luiz Edmundo, acompanhando as suas viagens e pesquisas em arquivos nacionais e estrangeiros largamente noticiadas pela imprensa, que não nos pudemos furtar a uma grande decepção com a leitura do proprio trabalho. O tom leve e agradável das palestras publicadas ha mezes pelos jornais e divulgadas pelo Radio, é o mesmo de todo o livro. Mas esperavamos que, neste, o autor nos demonstrasse alguma coisa do muito que pesquisou nos arquivos que percorreu e na vasta bibliotéca que colleccionou. Ora, quem tiver feito uma leitura regular dos mais importantes autores da época colonial quasi nada encontrará de novo no livro do Sr. Luiz Edmundo. O autor não faz mesmo aos estudiosos da Historia do Brasil o favor de indicar alguma peça notavel ou alguma obra particularmente interessante que lhe tenha servido para firmar algum ponto de vista novo. Pode-se dizer que a pesquisa historica da época colonial não registra nem uma vitoria com a sua obra.

Como trabalho de divulgação quer nos parecer que ha um grave erro de método na distribuição da materia. O livro não nos dá primeiro uma idéa da organização da sociedade e do governo para depois estudar o seu funcionamento.



O que quer dizer que quem quizer iniciar o seu estudo da época colonial pelo trabalho do Sr. Luiz Edmundo não terá um fio condutor e se verá continuamente ás voltas com expressões e frases sem sentido. Seria mais razoavel seguir a divisão de materia do livro de P. Lacroix sobre o seculo XVIII, que o Sr. Luiz Edmundo só cita, copiando-lhe as gravuras, no capitulo sobre cabeleiras.

Num livro elaborado com tanto cuidado e á vista de uma documentação tão abundante, é imperdoavel que o autor não tivesse tido mais escrupulo na escolha do material. E' incrivel, por exemplo, que baseasse toda a parte referente ao clero, no celebre relatorio do Padre Cepeda. ("Relação abreviada sobre o deploravel estado a que chegou a Companhia nesta Provincia do Brasil"). Este documento elaborado a mando do bispo do Rio de Janeiro, D. Fr. Antonio do Desterro, em pleno dominio pombalino, está inquinado de vicios tão profundos, que ninguem em consciencia o poderá tomar em consideração. O proprio bispo ao encaminhá-lo ao Ministro onipotente, faz valer o desvelo com que fôra composto, acusando os seus colegas da Bahia e de Pernambuco de terem agido frouxamente. Sabendo-se, como se sabe, como foram executadas as devassas nestes dois ultimos bispados, com os jesuitas já prisioneiros e as testemunhas atemorizadas por uma serie de violencias do governo e dos bispos, poder-se-á imaginar que valor póde ser dado ao relatorio do padre Bento Pinheiro d'Horta da Silva Cepeda. Vieira Fazenda, que o conhecia, não lhe dava grande valor, como prova a sua assinatura na Ata de congratulações com a Companhia pelo Centenario de seu restabelecimento.

Interessante é que as falsidades deste celebre relatorio foram examinadas e comprovadas, exatamente no periodo em que o Sr. Luiz Edmundo devia estar elaborando a sua obra, por um dos mais dignos dos nossos pesquisadores. Sob o titulo — Mentiras historicas: Um algoz dos Jesuitas — o sr. Alberto Lamego, publicava n' "O JORNAL" de 25 de Agosto de 1929, um longo e interessante estudo sobre a figura de Dom Antonio do Desterro. E, entretanto, ainda é sobre aquelle documento que o Sr. Luiz Edmundo apoia todas as suas incriveis e caluniosas referencias aos padres da Companhia (que aliás chamade *frades*, á pg. 37, e á Companhia, *congregação*).

Em que documento se baseia, comtudo o autor, para assacar contra os conventos femininos calunia tão baixa quanto a que se encontra no capitulo sobre a medicina?

Nos dois capitulos sobre a Justiça acumulam-se varios enganos, parecendo causados pela falta de um estudo previo da organização do governo e da sociedade a que já nos referimos.

Assim é que, examinando as ordenações do Reino, e não encontrando penas para os padres e frades amancebados, con-



clue apressadamente que ficavam estes “na mais santa impunidade”. Engano imperdoavel. O proprio Sr. Luiz Edmundo faz referencia á existencia de uma prisão de religiosos ao lado da prisão dos leigos. Esquece-se de que havia uma justiça religiosa, autonoma, completa e com independencia assegurada pelas leis do reino. Procurando nas Constituições do Arcebispado da Bahia, que regiam a justiça de toda a Igreja brasileira, lá estão condenados todos os que o Sr. Luiz Edmundo dera como santamente imunes. Por sinal que estarão os clérigos em enorme inferioridade de condições no julgamento deste crime, desde que rezam as Constituições: “se póde proceder no castigo deste pecado sumariamente sem estrepito, nem figura de juizo, mas só pela verdade sabida” (Const. Título XXIV, dos clérigos amancebados).

Ha ainda neste capitulo uma referencia á inquisição. Não interessa diretamente ao assunto por isso limitamo-nos a uma simples referencia, para mostrar como o autor anda longe do que se tem escrito ultimamente sobre o assunto. Diz o Sr. Luiz Edmundo que “aqui nunca queimámos judeus ou cristãos novos pelo crime insensato de *descrer da piedade do Papa...*”

Tambem teremos de passar de largo pela afirmação da “coisa velha e sabida”, de que a *materia prima* da colonização portugueza no Brasil foram os degredados.

Estes capitulos dariam ainda muita materia para discussão, se não nos afastassemos das que não se relacionam diretamente com o assunto. Por exemplo: a idade media é considerada o tempo de *absolutismo* e ferocidade. D. Pedro o crú, sobre cujo governo de reformas tanta tinta se tem gasto, passa a ser um “rei beato e feroz, que vivia da volupia de punir”, dando a impressão que este soberano passou todo o seu reinado a perseguir os matadores de Inês de Castro.

Ha uma referencia ás ordenações Manuelinas trazidas por Tomé de Souza, (passando a terra a ter lei escrita, diz o autor). Mas a traça destróe todo o calhamaço e dentro em pouco “fica tudo como no tempo dos capitães” Que quer isto dizer? Não havia então lei escrita antes do Código Manuelino? Lei escrita nunca faltou aos capitães, cujos forais longos e minuciosos foram ha pouco tempo publicados integralmente.

Em fim, para os que esperavam do livro do Sr. Luiz Edmundo as revelações que faziam crer as suas longas pesquisas, o apparecimento de sua obra foi uma verdadeira decepção. Sem nada inovar e divulgando sem grande cuidado, o seu livro não corresponde ao esforço que nele foi dispendido.



## A' MULHER (\*)

TASSO DA SILVEIRA

Mulher brasileira,  
é a ti que eu falo.

A ti que obscuramente realizas  
a mulher valorosa  
da sabedoria biblica;  
a que é mais preciosa do que as perolas das extremidades do  
| mundo,

a em quem serenamente confio  
o coração do esposo,  
a que recolhe a lã e o linho  
e os tece com as suas mãos velozes,  
a que se levanta noite ainda  
para ordenar o longo trabalho do dia inteiro,  
a que provou o azeite  
e constatou que elle era bom,  
e não deixará extinguir-se pela noite adiante  
a chamma do seu candieiro,  
a que attende o mendigo á porta,  
a que se revestiu de força e graça  
e riu-se do dia alvorescente,  
a que recebeu dos filhos  
á hora do despertar  
a saudação feliz...

Mulher brasileira: guardarás  
ao sôpro do vento uivante  
esta auréola de sonho e de pureza?

Vejo que não...  
Vejo que invade o teu coração desprevenido  
um vago fluido de inquietação.  
Vejo que já tens ao labio  
o amargor de uma queixa,  
vejo que foges  
ao teu destino de fecundidade...

---

(\*) — Parte IV do poema inedito "A exhortação".



Mulher brasileira,  
a mais tocada de Deus,  
a mais tocada de graça maternal  
entre todas as mulheres do mundo:  
aprendeste a fazer do amor o gozo ephemero.

Eras como uma terra primitiva  
sobre cujo mysterio  
passou, fecunda, a sombra  
do espirito criador,

passou, fecunda, envolta  
na pulsação do humano amor.

E no espelho das aguas mansas de tua alma  
reflectiram-se céus distantes e infinitos,  
e no humus do teu corpo  
a vida germinou e floresceu.

Eras como uma terra adormecida  
que a esse fremito novo despertou  
para a plenitude da alegria  
— a alegria de criar...

Mas, depois, esqueceste a transcendencia  
do teu destino.

E distendeste o corpo fatigado  
e olhaste a vida em torno,  
e hauriste um sorvo de lascivia,  
e achaste  
que o teu esforço heroico te roubava  
a doçura das horas passageiras.

E, então, tornaste a decisão mortal:  
estancar em teu ser  
as nascentes do ser...

Mulher brasileira, com o sacrilegio desse gesto,  
profanaste o santuario  
dos destinos raciaes.

Mulher brasileira, a mais tocada de graça  
maternal  
entre todas as mulheres do mundo:  
não foi apenas ao transitorio sacrificio  
das volupias miserrimas  
que fugiste.

Foi ás sagradas determinações  
da Vida  
foi ao sonho  
de Deus...

# LETRAS CATHOLICAS

JONATHAS SERRANO

RENE' BAZIN — *Magnificat*, Paris,  
Calmann - Lévy — 1931.

*Magnificat* é o ultimo romance de Bazin. Ultimo e provavelmente derradeiro. Ignoro se deixou inédito algum trabalho de ficção. Depondo para sempre a sua penna privilegiada em Julho deste anno, quasi octogenario, René Bazin acabava de nos dar o seu 48.º volume — *Un Monastère de Saint Pierre Fourier "Les Oiseaux"*. As primeiras linhas deste livro explicam porque foi elle escripto: "La maison dont je vais parler, je l'ai en veneration et en amitié; je puis dire aussi que je la tiens en parenté, puis que, á l'heure où j'écris les premières lignes de ce qui sera un livre, une de mes filles, une de mes petites-filles, deux de mes nièces ou petites-nièces, comptent parmi les religieuses de Saint Pierre Fourier, au Monastère des Oiseaux, á Westgate-on-Sea". Já por estas poucas phrases é possivel entrever não direi ainda o escriptor, o artista, o poeta, mas sem duvida o homem, o crente, o pae e avô feliz e ufano de sua fé.

Exemplo quasi unico em França e mesmo alhures, Bazin em seus cincoenta volumes não nos deixou uma pagina sequer destoante dos mais nobres e puros sentimentos christãos. Tambem por isto — mas não por isto sómente — pode-se affirmar sem receio de exageração que será difficillimo preencher-lhe a vaga na Academia Francesa sem perda bem sensivel para as letras catholicas. Não é que faltem á geração contemporanea escriptores do valor, por exemplo, de um Mauriac; nenhum todavia conhecemos de quem se possa dizer, sem faltar á mais rigorosa verdade, que allie, *em todos os seus livros*, sem excepção alguma, tal belleza de forma, taes encantos de poesia, tal perfeição de technica a tão admiravel e perfeita visão christã da realidade humana.

Romances, contos, ensaios, artigos, conferencias, biographias — tudo é, nessa obra variada e vasta, inconfundivel no estilo e sempre de alta e nobre espiritualidade.



Nenhum dos seus livros, entenda-se bem, cheira a incenso ou recorda ambientes de sacristia. Perfuma-os, a quasi todos, o odor da terra trabalhada, dos ventos largos, da floresta ou do oceano. Teve Bazin a rara ventura de respirar desde a infancia o ar puro dos campos, aprendendo a ver e amar a Natureza. Dahi o encanto especial dos melhores de seus romances — *Les Noellet, La Terre qui meurt, Les Oberlé, Donatienne, Le Blé qui lève, Le Roi des Archers*. Dahi ter-lhe sido possivel e até facil celebrar o torrão angevino em seu volume *Paysages et Pays d'Anjou*, cujo primeiro capitulo é um hymno em louvor do rio predilecto e familiar: — *Loire, je vous ai connue dès mon enfance...*

Tambem em *Magnificat* a natureza está presente e viva, como nos outros romances. Aqui, porém, é o Morbihan, é Belle-Isle, são os aspectos de rude belleza e austera tradição das terras da Bretanha, que resistem ás rajadas e ainda sabem rezar com fé.

Nenhum scenario melhor para o drama interior de Gildas Maguern. O homem é digno da terra. E o artista que os contemplou e soube fixa-los para sempre em sua tela — encerrou com elles magnificamente a sua formosa galeria de almas.

*Magnificat* é o romance da Vocação.

Quem poderá explicar o irresistivel Chamado? Que força mysteriosa move as almas de tantos jovens, em plena expansão de sua mocidade feliz, e os impelle á Renuncia? Que encanto singular explicaria naturalmente o passo definitivo e não raro tão doloroso nas separações que logo exige? Que Voz lhes fala tão imperiosa e capaz de fazer calar todas as promessas seductoras dos sentidos, todas as objecções especiosas da razão natural?

Tal foi o caso de Gildas Maguern. Por que deixar o recanto querido de Perrmur, o carinho maternal de Maria Maguern, o amor humilde, respeitoso, quasi adoração de Anna, capaz de todas as dedicações e partir, não apenas para o campo de batalha, no entusiasmo da grande pugna, ao toque de reunir, entre companheiros dispostos a vencer ou morrer, na alternativa dos heroismos ruidosos, — mas a frio, serenamente, deliberadamente, para o sacrificio obscuro, sem testemunhas, sem citações em ordem do dia, sem medalhas, sem as alegrias da victoria e da paz?

Por que, em alguns, a palavra de um pregador sem rhetorica, o verbo sem eloquencia de um humilde religioso em pulpito sem arte produz a scentelha divina, que ateia em breve, nas invisiveis accendalhas, as labaredas de um amor insopitavel?

E não é que Gildas Maguern não tivesse amado a sua pobre Anna ou não comprehendesse bem o que representava



para ambos a resolução de renunciar á ventura sonhada a principio, a ephemera mas sempre tentadora felicidade de uma paixão dos vinte annos.

Não só, entretanto, o sacrificio de um amor correspondido, mas ainda o embate com a vontade paterna, rude e incapaz de comprehender, ao primeiro exame, toda a sublimidade do Chamamento. E o egoismo do velho pae sabe invocar a seu favor as razões sentimentaes que parecem verdadeiras:

— Tu veux aider le monde et tu n'as pas pu aider ton père, qui est près de toi !

Nem é tudo ainda. Estudar, seguir um curso arido e difficil para um filho de cultivadores, sem nenhum recurso literario, sem nenhum apoio a não ser a propria solidez da Vocação — eis o que deveria Gildas Maguern realizar, dia a dia, na longa e aspera luta consigo mesmo, bem mais difficil e heroica do que a das trincheiras.

Do collegio de Chatillon-sur-Sèvre ao Seminario maior de Paris, onde o joven bretão se transforma pouco a pouco no futuro Abbé Maguern, assistimos ao trabalho maravilhoso da Voz interior, "voix secrète et non douteuse, qui ne parle pas toujours deux fois".

E comprehendemos bem, afinal, a serena doçura do derradeiro capitulo. Gildas Maguern, já agora sacerdote, nas ferias de Agosto, leva para uma praia do Morbihan, perto de Arradon, em colonia de ferias, a pequenada pobre da sua parochia dos arredores de Paris. Na estação de Vannes, já de volta, a 29, ás 10 horas da noite, póde elle receber o abraço de toda a familia. Dez minutos apenas e quanta coisa que os corações quereriam dizer ! Mas a propria alegria de se reverem perturbava-lhes as palavras, na saleta de espera da estação.

E foi Marie Maguern quem achou, no seu humilde orgulho de mãe, a grande eloquencia do coração.

— La mère, apercevant un gros lot "de monde" qui se dirigeait vers la porte, toucha le bras de son fils:

— Gildas, bénis la famille, car voici ton heure !

Ils se levèrent tous. Le prêtre, qui était le plus grand de taille, au dessus de ces trois têtes inegales traça, dans l'air, une petite croix.

Dahi a poucos minutos já o trem que levava Gildas Maguern atravessava os campos, deixando a terra da Bretanha. "L'abbé songea encore, un long moment, qu'il laissait derrière lui des ames en paix, qu'il y en avait d'autres, la-bas, au Roncier, pour lesquelles il n'aurait pas fait en vain le sacrifice de sa famille et de son pays d'enfance. Il tourna la tête vers les enfants, tous endormis ou sommeillant, sur les



banquettes. Un bonheur pur descendit aussi dans son ame. Gildas Maguern se souvint des quatre mots, qui avaient décidé de sa vie: Tu seras mon prêtre. "Il repondit aussitôt: *"Magnificat anima mea Dominum"*.

\*  
\* \*

Ao cabo de mais de meio seculo de actividade literaria, René Bazin parece haver propositadamente deixado para este volume, o penultimo da sua obra e o derradeiro dos seus romances, o thema por excellencia de inspiração christã. E' certo que já em *Isolée* a vocação feminina fôra estudada e com finura psychologica e delicadezas de artista. Mas o entrecho e o desenlace daquelle romance, inspirado pela perseguição ás congregações, não podiam ter a serena suavidade destas paginas de agora.

E assim este volume é, de certo modo, como que o testamento espiritual do escriptor que chegou á Academia Francesa, no primeiro plano dos grandes mestres do romance contemporaneo, sem estardalhaço, admirado e respeitado onde quer que se preze a lingua cujos segredos de harmonia e colorido conheceu como rarissimos, e sem jamais se envergonhar do seu credo, fiel até o fim ao seu ideal de belleza e de bondade.

Tambem elle, no crepusculo de uma vida tão fecunda, ao contemplar a obra realizada, poderia ter murmurado como Gildas Maguern: *Magnificat anima mea Dominum*.

# CHRONICA POLITICA

(De 18 de Julho a 17 de Agosto)

H. SOBRAL PINTO

Na vida dos povos, como na dos individuos, surgem catastrophes tão sombrias e inevitaveis, que a intelligencia humana não encontra, nos recursos normaes da sua capacidade, as forças necessarias para dominar e dirigir os acontecimentos, que, em tumulto allucinante, se vão succedendo, com velocidade louca, á maneira do trem em disparada pela serra abaixo. Governantes e governados, pobres e ricos, civis e militares, agricultores e industriaes: todos, em angustia de morte, como os passageiros desse comboio desenfreado, sentem que a sua salvação, em face dessa realidade tenebrosa, ultrapassa todas as possibilidades dos meios puramente humanos. E' n'uma hora destas que o orgulho do homem, abatido e humilhado, comprehende, — e quiçá tardia-mente — a verdade integral dos accentos do Psalmista (Psalmo XXVI, 7-10): "Ouve, Senhor, a minha voz, com que chamei a ti: tem compaixão de mim, e ouve-me. O meu coração te falou a ti, os meus olhos te buscaram: teu rosto hei de buscar, Senhor".

Não apartes de mim a tua face, e não te retires do teu servo na tua ira. Sê minha ajuda: não me deixes nem me desprezes, ó Deus meu Salvador.

A hora que a nacionalidade está a viver é hora de agonia. Tudo, no facto social brasileiro, neste momento de lucta fratricida, é vaidade arrogante, despeito concentrado, odio exaltado, antagonismo irreductivel. Os corações, sob o influxo de ideologias subversivas, tomaram a rigidez dos granitos impenetraveis. As almas, envenenadas pelo sopro de Satanaz, que sobre ellas cae em cheio, como que perderam os dons da essencia divina, para se transmudarem em fontes sinistras de propositos destruidores. Na atmospheria, que, de tres annos para cá, envolveu a actividade social brasileira, não se lobrica um facho de luz redemptora, que mostre estarem governantes e governados dispostos a ouvir a supplica ardente do grande Apostolo das gentes (Ep. aos Ephesios, c. 4, vs. 1-7): "Rogo-vos pois, eu preso por amor do Senhor, que marcheis de um modo digno da vocação a que fostes



chamados: com toda a humildade e mansidão, com paciência, supportando-vos uns aos outros pela caridade; solícitos em guardar a unidade do espirito **NO VINCULO DA PAZ.** Um é o corpo e um o Espirito, assim como fostes chamados para uma só esperança da vossa vocação. Ha um Senhor, uma fé, um baptismo.

Um Deus, e Pae de todos, que está acima de todos, age por todas as cousas, e reside em todos nós”.

O Brasil, pelo esforço diabolico dos seus dirigentes, e pela capitulação trahidora da maioria dos homens da Igreja, consentiu que a vida publica nacional se organisasse, durante o Imperio, e nos começos da Republica, inteiramente fóra dos quadros das virtudes evangelicas. Estamos, assim, nós os homens das gerações contemporaneas, a colher, agora, as consequencias dessa deserção, generalisada, da mentalidade catholica nacional, que nos precedeu. Olhando, por isto, em perspectiva desinteressada, para a vida social brasileira, cabe-nos excluir com Santo Agostinho (De Civitate Dei — L. 1.º, n.º IX): “Nesta desolação publica, que é que soffreram os christãos, que, aos olhos da Fé, não haja concorrido para o seu progresso? Primeiramente, se elles meditam humildemente sobre estes peccados dos quaes a colera divina se vingava enchendo o mundo de terriveis catastrophes, ainda que não contaminados pelo crime, pelas desordens, e pela impiedade, suppor-se-ão, comtudo, de tal modo isentos de falta que não tenham necessidade de expiação atravez de alguma pena temporal? Pois, além de que não ha fieis cuja vida, por mais irreprehensivel que seja, não ceda, tambem, aos instinctos carnaes, e que, sem cahir na enormidade do crime, no abysmo da depravação, não se abandone a certos peccados, ou raros, ou tanto mais frequentes quanto são mais leves, — onde encontrar aquelle que, em presença desses monstros de orgulho, de luxuria, de avareza, cuja iniquidade e execravel impiedade força Deus a quebrar a terra, segundo sua antiga ameaça, — onde encontrar aquelle, repito, que se mostre deante delles o que elle deve ser; que trata com elles como é preciso tratar com semelhantes almas! Quando seria preciso esclarecel-os, advertil-os, e mesmo reprehendel-os, e corrigil-os, contém-nos, muitas vezes, funesta dissimulação, ora por indifferença preguiçosa, ora por humano respeito, que não ousa affrontar uma cabeça exaltada, ora por temor destes resentimentos que poderiam nos perturbar e nos prejudicar nestes bens temporaes, cuja posse a nossa cubiça ambiciona, e cuja perda a nossa fraqueza receia. Ainda que a vida do máo seja odiada pelas pessoas de bem, e que esta aversão os preserve do abysmo que espera os reprobos ao sahir deste mundo, comtudo, esta fraqueza indulgente para com as mortaes iniquidades, por temor de represalias contra as suas proprias faltas, leves e veniaes entretanto, esta fra-



queza, poupada aos supplicios eternos, é de justiça que, juntamente com o crime, seja castigada pelas desgraças temporaes; é de justiça que, na distribuição providencial das afflicções, ella sinta o amargor desta vida, que, inebriando-a com as suas doçuras, a impediu de offerecer aos máos o calice da agonia salutar”.

Ahi está, nesse quadro genial, de um coração aberto a todas as comprehensões, e que olhava para a humanidade atravez da sua vida de peccados, a principio, e de penitencia, em seguida, o panorama real e palpavel da vida publica nacional. Em face dos crimes contra Deus, a sua Igreja, e as virtudes evangelicas, o Brasil catholico vive acovardado, em defecção permanente. Esse é o testemunho solemne de S. Eminencia o Cardeal Leme, quando Arcebispo de Olinda (Carta Pastoral, de 1916, pags. 15 e 16): “Nos Estados Unidos, na Inglaterra, na Allemanha, e outros paizes, onde os catholicos são em pequena minoria, frúe a Igreja regalias que aqui nos são negadas.

Elles têm capellães militares, escolas catholicas subvencionadas, e nos institutos officiaes vedado não é proferir o nome de Deus.

Em todos os ramos da vida publica, nada lhes falta.

Excellentes universidades, grandes jornaes, escolas florescentes, eleitorado coheso, representações politicas, cooperativas, ligas operarias, caixas economicas e toda uma floração de obras a revelarem a força poderosa dos catholicos dessas nações venturosas.

E’ que elles acordaram em tempo do somno tranquillo de uma Fé inoperosa, e, das Igrejas onde oravam com mystico fervor, sahiram para todas as manifestações da vida contemporanea.

Estimula-os a consciencia de seus direitos e impelle-os a conquista de um ideal magnifico. No Evangelho descortinaram a salvação social e querem que o Evangelho salve a sociedade a morrer. D’ahi, o cerrarem fileiras em torno da bandeira branca da acção social catholica. E porque assim fizeram, dado sejam a minoria, gosam de vantagens multiples que no Brasil catholico em vão mendigamos. E’ que elles, unidos e arregimentados, souberam fazer valer os seus direitos. E nós, os catholicos do Brasil, insulados e dispersos, teimamos em viver chorando um passado que se foi.

Deante da Constituição, deante do Governo, da imprensa, da literatura, das academias e das escolas, do commercio e da industria, deante de todos os expoentes da Nação, somos um povo atheu ou indifferente”.

O homem brasileiro, desde muitos annos, cuida de tudo, menos dos direitos sacrosantos de Deus Omnipotente. Nos seus arduos esforços da vida diaria, familia, interesses, fortuna, bem estar, reputação social são objectos de constante



zelo e cuidado. Mas, os supremos direitos da verdade, e as imposições caridosas das leis evangelicas não lhe merecem um minuto de attenção, nem a energia corajosa de uma renuncia. Só uma cousa o preoccupa: a prudencia. E emquanto, no tumulto dos acontecimentos que a vida social contemporanea agita, o homem brasileiro, honesto e digno, vae cada vez mais retrahindo o circulo das suas influencias, procura, em sentido opposto, augmentar a sua ascendencia sobre as massas “a raça audaciosa dos violentos, dos tyrannos, dos impulsivos, que não comprehenderam jamais a existencia de nenhuma lei, nem social, nem moral, nem logica (Gratry — La Morale et la loi de l’histoire, vol. 2.º, pags. 179 e 180); que não julgam, mas decidem, dominam, e golpeam; esta raça, que se acredita sempre, e de pleno direito, senhora de tudo, e que, desde que se vê em liberdade, esmaga no mesmo instante o fraco, o justo, o sabio, e o amigo da razão; esta raça, que existiu mais ou menos desenvolvida em todos os tempos, e que vêmos formar-se desde a infancia, nas escolas, por toda a parte onde o desregramento moral, a ausência de idéas, e a estreiteza de intelligencia se reúnem á intensidade do querer, e á impetuosidade das cubiças; esta raça que, não sendo senão a parte menos humana do genero humano e a mais proxima da animalidade, não conhece senão um principio: o *instincto*, em vez de dois: o *instincto* e a *razão*; esta raça destinada, necessaria e naturalmente, em todos os tempos e em todos os logares, aos castigos e á repressão aos castigos, quer por parte das sociedades das quaes não cessam de perturbar o trabalho, quer por parte da natureza, que elles violentam em si mesmos e fóra delles; esta raça que, desde um seculo, bajulada, enganada, superexcitada, multiplicada pelos sophistas e os atheus, torna-se uma como que especie humana nova, inferior, surprehendente, mutilada, metade raça, metade seita, da qual se pode fazer a physiologia; esta raça que nenhum escrupulo jamais desanima, que não hesita nunca, tal qual o animal á vista de sua presa; “estes seres novos que, espalhados desde um seculo em todas as partes civilizadas da terra, conservam sempre o mesmo caracter, os mesmos instinctos, a mesma physionomia e os mesmos processos, sem nenhuma variação, sem perfectibilidade concebivel (Tocqueville)” ; eis a raça moral que constitue o principal obstaculo a todo o progresso da justiça, de classe para classe, e de povo para povo”.

O paiz, desde que aqui se implantou o regimen republicano, vive mergulhado nessa atmosphera de injustiças permanentes, onde os grandes problemas nacionaes são resolvidos sob o influxo do criterio unico da força brutalmente orgulhosa. Nas épocas de governo constituido segundo os preceitos formaes da Constituição, as maiorias eleitoraes, instituidas pela fraude e pela compressão administrativa, eram as que tudo



decidiam na vida publica nacional. Não se attendia, nas questões que interessavam ao progresso e ao desenvolvimento da Nação, aos principios da justiça, e aos postulados da moral social. O que merecia o respeito e a consideração dos dirigentes: governo e opposição, era o só interesse da sua facção ou grupo.

Em nada se distinguem dessas normas iniquas, as directrizes do primeiro governo revolucionario, que tivemos, a partir de 40 annos. Os moveis que o inspiram, os processos que adopta, os methodos que preconisa, e a phraseologia que emprega, são, em substancia, absolutamente identicos aos moveis, processos, methodos, e phraseologia dos governantes das épocas constitucionaes. Ajustam-se, admiravelmente, a uns e outros, estes conceitos verdadeiros e vibrantes da maior figura do communismo contemporaneo (Trotsky — *Ma vie*, vol. 3.º, pag. 216): “Sabe-se que seria vão operar em politica com criterios de moral abstracta. A moral politica procede da propria politica, e é della uma das funcções. Sómente uma politica posta ao serviço de grande causa historica póde assegurar methodos de acção moralmente irreprehensíveis. Ao contrario, quando o nivel das missões politicas se abaixa, chega-se, inevitavelmente, a uma queda moral. Figaro, como se sabe, recusava-se, em geral, a fazer distincção entre a politica e a intriga. E todavia elle viveu antes da éra do parlamentarismo. Quando os moralistas da democracia burgueza pretendem ver na dictadura revolucionaria, emquanto tal, a fonte dos máos costumes politicos, deve-se dar de hombros, e ter piedade. Seria muito instructivo fazer uma fita cinematographica do parlamentarismo contemporaneo, ainda que fôsse só por um anno. Unicamente, seria preciso collocar o aparelho tomador das vistas, não ao lado da cadeira do presidente da Camara dos Deputados, no momento em que se votasse uma resolução patriotica; seria mister collocar-o em outros logares: nos gabinetes dos banqueiros e industriaes, nas salas discretas de redacção...; nos salões das senhoras que se occupam de politica, nos ministerios; e, ao mesmo tempo, tirar-se-iam photographias da correspondencia secreta dos chefes dos partidos”.

Governantes constitucionaes e governantes dictatoriaes são, todos, na sua mentalidade, e nos seus objectivos, filhos da mesma philosophia racionalista e agnostica, que só sabe ter o culto da força e da victoria.

A lucta armada, que ora ensanguenta o solo brasileiro, não representa, como parece a muita gente, o choque de duas mentalidades, que se hostilisam e se odeiam, porque fundamentalmente differentes.

O que estamos a presencear, com o coração oppresso, nada mais representa do que phase sangrenta do grande drama que a philosophia da violencia germinou, creou e vem



desenrolando, no scenario da vida publica brasileira, ha mais de 40 annos.

Quaes os responsaveis por essa sanguieira, que está a transformar a terra paulista em vasto e sombrio cemiterio? Todos. Governantes do passado e governantes actuaes. Homens de intelligencia e homens de poucas letras. Proprietarios e proletarios. Jornalistas e literatos. Civis e militares. Nenhum delles, perante o tribunal de Deus, poderá jamais occultar a imprudencia das suas palavras, a irritação dos seus gestos, o egoismo dos seus interesses, o escandalo dos seus exemplos, porque foi da accumulção ininterrupta e successiva de todos esses vicios que se formou essa atmospheria de odios que dividiu, em terras patrias, todos os corações brasileiros, que foram feitos, antes de tudo, para se amarem no seio uno e universal da Igreja de N. S. Jesus Christo.

Eis ahi o verdadeiro germen desta guerra de irmãos. A actividade do Sr. João Neves da Fontoura, a que muitos attribuem a culpa da superveniencia da guerra civil, foi apenas o pretexto de que lançou mão a Providencia para nos mostrar, atravez da enormidade do castigo, a gravidade immensa dos nossos peccados.

Para que se tenha a noção exacta do papel pouco importante dos actos do Sr. João Neves da Fontoura, em confronto com os resultados que ahi estão, basta attentar-se em alguns trechos da sua carta de 20 de Julho ao Sr. Borges de Medeiros. Dando conta ao chefe do seu Partido do que aqui fizera, como representante da "frente unica" riograndense, recorda o illustre tribuno: "Sabe o nosso impulso pró-Constituinte. Conhece o meu papel como coordenador de forças partidarias, que nos garantissem a eleição e, para o Rio Grande, a victoria dos nossos objectivos de ordem geral e civica na assembléa nacional. Chegamos a um apice sem par na culminancia do nosso poder politico e da nossa ascensão moral. Já eramos tres Estados entrelaçados para a victoria. Toda a opinião do paiz applaudia o nosso gesto. Só o dictador curveteava, procurando vencer pela intriga, a divisão, a seducção dos homens de governo nos Estados e mil outros processos, em que se especializou. Descrentes da palavra do Chefe do Governo, **TODOS QUERIAM APRESSAR O DESFECHO POR UM ACTO DE FORÇA — OS PAULISTAS, OS MI-NEIROS (BERNARDES, BRANT, PINHEIRO CHAGAS, ETC.), OS RIOGRANDENSES.** Só eu, talvez, resistisse. Confesso-lhe, nesta hora de provação, que não me intimidava a arrancada. **ESTA SEMPRE ME PARECEU GARANTIDA PELO CONJUNCTO DE FORÇAS PREPARADAS. QUEM RESISTIRIA AO RIO GRANDE E SÃO PAULO EM ARMAS?**



O Interventor ahi, quando de sua ultima viagem a esta Capital, dera-me em palestra no Hotel Riachuelo noticia da mobilisação já feita. Tinha um regimento em Marcellino Ramos prompto a embarcar. Distribuiu armas pelo interior, inclusive ao dr. Glycerio Alves e Coronel Octacilio Fernandes, para com forças improvisadas atacarem respectivamente as guarnições de Cacheira e Caxias, ambas *suspectas* (sic). Elle, Interventor, dispunha de um avião no qual partiria para Santa Maria, ao primeiro grito, ali assumindo o commando das tropas.

Nunca ouvi do Interventor, **NO TOCANTE AO MOVIMENTO DE FORÇA CONTRA A DICTADURA, SENÃO UMA RESERVA** — abandonaria o cargo a tempo de não passar por trahidor ao homem de quem recebera a investidura de governo. Justo era assim que eu tivesse o movimento por fulminante.

De resto, o Interventor em discurso publico proferido em Porto Alegre nos ultimos dias de Maio, dissera que iria “com o Rio Grande para o *despenhadeiro* apezar de ser homem da paz e da ordem e ainda quando o Rio Grande fosse para **DESPENHADEIRO ERRADAMENTE**” (sic).

A despeito de tudo, continuei a oppôr-me ao epilogo violento. E isso tão só pelos males que sempre decorrem das revoluções, mesmo victoriosas.

Só me rendi **QUANDO FRACASSADO O GOVERNO DE CONCENTRAÇÃO**, veio d’ahi para São Paulo, **DIRECTAMENTE, A PALAVRA DE ORDEM: O RIO GRANDE ENTRARIA COM SÃO PAULO NA LUCTA ARMADA**. Nada mais me restava senão obedecer”.

Decorre desse depoimento, authentico e autorizado, que o elemento politico, organizado em quadros partidarios, e que conseguira manter-se coheso após a victoria da Revolução de Outubro, fazia questão de reingressar, com real influencia, no seio do Governo dictatorial, de cujos conselhos fôra afastado, desde muito, pela acção conjugada da juventude militar e do Club 3 de Outubro, ao serviço da dissimulação genial do Sr. Getulio Vargas.

(As forças politicas do Rio Grande, Minas-Geraes, e São Paulo, que tinham pregado e patrocinado, atravez da campanha da Alliança Liberal, a Revolução de Outubro de 1930, verificaram, ao cabo de alguns mezes de regimen dictatorial, que o Chefe do Governo Provisorio alimentava o firme proposito de aniquillal-as por completo, servindo-se do immenso poder, que lhe cahira nas mãos.

Tentaram conciliação honrosa, dentro da paz e da ordem. Mas o Sr. Getulio Vargas, que sabia estar o poder politico dos Estados de Minas-Geraes e Rio Grande nas mãos



dos Srs. Olegario Maciel e Flores da Cunha, — já então seus aliado incondicionaes — não deu nenhuma attenção ás ameaças das frentes unicas politicas.

Fiel discipulo de Augusto Comte, o Sr. Getulio Vargas não póde desconhecer esta observação profundamente verdadeira do grande pensador positivista (*Système de politique positive*, vol. 2.º, pag. 265): “Toda verdadeira força social resulta de concurso mais ou menos extenso, **RESUMIDO POR UM ORGAM INDIVIDUAL**”.

Desenvolvendo, em seguida, os diversos elementos deste conceito, observa Augusto Comte (Ibid., pag. 266): “Insistindo sobre esta necessidade do concurso para constituir, em sociologia, uma força qualquer, é mister não desprezar a segunda metade da definição precedente, **QUE INDICA A NECESSIDADE D’UM REPRESENTANTE INDIVIDUAL**. Ainda que todas as funcções sociaes sejam collectivas por sua natureza, o seu exercicio se encontra sempre personalisado, se não systematicamente ao menos espontaneamente. **UM CONCURSO QUE NÃO SE RESUMISSE NUNCA, PERMANECERIA TOTALMENTE ESTERIL**”.

Ora, os partidos politicos, no Brasil como em toda a parte, viveram sempre á sombra do prestigio do poder publico. Nos periodos normaes, em que a vida publica dos povos se exerce sob a égide soberana da lei, os partidos da opposição nunca perdem as suas características de forças sociaes, porque os seus chefes, que personificam o poder de direcção, podem recorrer aos tribunaes contra as investidas violentas da força publica, em mãos do partido situacionista. Mas, nos tempos de revolução, onde a lei perde a sua efficacia, e os tribunaes funcionam por munificencia governamental, o unico valor social que conta e prevalece no seio das sociedades é o da força material, manejada e dirigida pelos governos.

Nestas condições, o Sr. Getulio Vargas não podia deixar de receber com displicencia estas affirmações da “frente unica” riograndense no manifesto com que se dirigiu ao Rio Grande do Sul e á Nação (*JORNAL DO COMMERCIO*, de 20 de Julho): “A hora grave que atravessamos obriga-nos a falar ao Rio Grande e á Nação.

A frente unica riograndense, isto é, os Partidos Republicano e Libertador têm compromissos de honra com a frente unica de São Paulo.

Negal-os ou mesmo silencial-os, neste momento, seria a ignominia.

A identidade dos propositos que animam São Paulo e o Rio Grande na sua resistencia aos erros da dictadura e ao seu animo deliberado de pôr entraves á volta do paiz á ordem legal foram a causa inicial dessa solidariedade. Desdobrou-se ella em compromissos politicos assumidos em nosso nome pelo representante da frente unica no Rio de Janeiro, o dr. João



Neves da Fontoura, para o fim da constituição de um governo verdadeiramente nacional, e affirmados, ainda, por nós, PARA A EVENTUALIDADE DE UMA ACCÇÃO ENER-GICA, desde que a tanto fosse arrastado o governo de São Paulo.

(A REBELLIAO DE S. PAULO CONTRA A DICTADURA ESTAVA DE HA MUITO PREVISTA")

Persuadida ingenuamente de que ainda valia alguma cousa, a frente unica riograndense, advertia, ridicula, ao Sr. Flores da Cunha, nesse manifesto: "Comprometteu-se S. Exa. a manter a ordem no Rio Grande do Sul. Sabe Sua Ex. melhor do que ninguem que nunca foram outros os propositos da Frente Unica. Pelo contrario, é sobre a intangibilidade da Frente Unica que repousa exclusivamente a paz do Rio Grande. Não nos apartemos das graves responsabilidades que nos pesam. A Frente Unica deseja tanto como S. Ex. preservar da anarchia e da desordem o Rio Grande do Sul".

(Dos documentos, que acabamos de invocar, decorre a certeza de que os velhos quadros politicos de Minas-Geraes, São Paulo, e Rio Grande, não se conformando com o desprestigio com que os vinha humilhando o Sr. Getulio Vargas, traram, alliados a elementos militares descontentes, e á gente paulista, espesinhada nos seus brios, um movimento politico-militar contra a estabilidade da dictadura.

Para infelicidade de São Paulo, e dos elementos politicos, que nos outros Estados, a elle se haviam ligado, o Sr. Getulio Vargas estava muito mais forte e apoiado do que todos suppunham. O Poder publico mineiro e o Governo riograndense, ao contrario do que esperavam as frentes unicas politicas, collocaram-se, desde a primeira hora, inteiramente ás ordens do Sr. Getulio Vargas, e se vêm mantendo, firme e decididamente, dentro desses propositos, como, entre muitas outras manifestações, o faz certo este telegramma do Sr. Olegario Maciel ao Prefeito de Ouro-Preto (CORREIO DA MANHA, de 19 de Julho): "Ao accusar recebimento do telegramma em que trazeis ao governo de Minas, nesta hora de luctas e sacrificios, a vossa valiosa e patriotica solidariedade, é com o pensamento posto nos altos interesses nacionaes que aqui vos deixo os meus mais vivos agradecimentos. Estou certo de que a vossa collaboração ha-de ser factor decisivo na manutenção da ordem dentro do Estado bem como na victoria de nossas forças contra o lamentavel movimento sedicioso rebentado em São Paulo". Por outro lado, constantes e repetidas são as affirmações de apoio intransigente á dictadura por parte do Sr. Flores da Cunha. Para que se possa apprehender, em toda a sua intensidade, a exaltação de animo do



Interventor gaúcho, basta que se attente nos termos do seu telegramma ao Sr. Ruy Carneiro, membro do gabinete do Sr. José Americo (DIÁRIO DA NOITE, de 18 de Julho, 2.<sup>a</sup> edição): "Agradeço com todo o coração a sua eloquente mensagem. Estou cumprindo apenas o meu dever de patriota. O MOVIMENTO REVOLUCIONARIO PAULISTA CONSTITUE TAMANHO CRIME CONTRA A NAÇÃO QUE NENHUM BRASILEIRO DE Sã CONSCIENCIA PODE APPLAUDIL-O. Não pouparei, por isso, esforços nem sacrificios em auxiliar o Governo Provisorio no combate á desordem".

São Paulo, assim, teve de supportar, isolado e sosinho, todo o peso da lucta armada. Os alliados, com que contava na contingencia da refrega para a qual se preparara, não puderam, no momento necessario, vir em seu soccorro, como prometteram.

Com que amarga melancolia não terá elle lançado as suas vistas sobre esse documento, onde se mergulhara, para sempre em triste capitulação, o prestigio, tantas vezes proclamado, com orgulho e petulancia, dos partidos políticos riograndenses (O GLOBO, de 2 de Agosto, 3.<sup>a</sup> ed.): "Vaccaria—24 de Julho de 1932 — Commando de Divisão, acampado em Extrema — Boletim n.º 4 — Para conhecimento da columna e devida execução, fazemos publico o seguinte:

#### PACIFICAÇÃO DO RIO GRANDE

Em data de hontem, este Commando recebeu convite para comparecer á Villa de Vaccaria, afim de ter entendimento com uma commissão composta dos srs. Synval Saldanha, Anôr Butler Maciel e Coronel Elysiario Paim Netto, representantes, respectivamente, dos srs. drs. A. Borges de Medeiros, Raul Pila e General José Antonio Flores da Cunha.

Hoje, naquella localidade, pela referida commissão foi narrado em detalhes O FRACASSO DO MOVIMENTO REVOLUCIONARIO CONSTITUCIONALISTA, QUE, JUNTAMENTE, DEVERIA TER IRROMPIDO EM TODO O ESTADO DO RIO GRANDE. EXPLICOU TAMBEM A COMMISSÃO A INUTILIDADE DO ESFORÇO QUE IAMOS FAZER, POR ISSO QUE, HAVENDO FRACASSADO O MOVIMENTO, O GOVERNO DO ESTADO FARIA CONVERGIR PARA AQUI TODAS AS FORÇAS QUE LHE ERAM FIEIS.

Acceitando a exposição dos factos, feita pelos drs. Synval Saldanha e Anôr Butler Maciel, este Commando, representado pela chefia civil e militar, accordou com a dita commissão que fosse transmittido ao General Flores da Cunha o telegramma cujo texto consta do teor do accordo e ao qual o Interventor Federal Flores da Cunha respondeu nos termos citados no texto do mesmo accôrdo.



Deante disto, determinamos a desmobilisação da columna, devendo para isso todos os Commandantes de corpos e o pelotão de commando fazer entrega do armamento, correiame, munição e material de acampamento que lhes foram entregues.

Commissão encarregada de receber o material: Nomeamos para receber o material distribuido com os corpos desta columna os capitães Angelo Jardim, Alcides Neves e o 2.º tenente Itacyr Moojen de Azambuja.

Dinheiro requisitado — O 1.º tenente Orlando providencia no sentido de serem reunidas as importancias do dinheiro requisitado, afim de serem devolvidos, devendo organizar, para si, um demonstrativo em que constem as importancias gastas.

Requisições — Todos os commandantes de corpos e contingentes que faziam parte desta columna e, bem assim, os sub-prefeitos dos districtos forneçam á administração do municipio uma relação das requisições feitas, a partir do dia 18 do corrente mez. —(aa.) *Baptista Luzardo*, chefe civil; *Octacilio Fernandes*, coronel commandante”.

O inconcebivel passava, assim, a ser realidade. O Rio Grande, que concitara São Paulo a pegar em armas contra a dictadura, voltava tranquillamente, contra o seu alliado da vespera, e em defesa dessa mesma dictadura que elle denunciára a Nação como incapaz e funesta, toda a sua organização militar.

A gente paulista, entretanto, não exgottara, ainda, o calice amargo das suas desillusões. Minas Geraes, — affirmavam os seus homens mais representativos—estava atravessando dias da mais intensa agitação popular. Desde os menores povoados até as grandes cidades, a terra mineira —, segundo se dizia, e a gente bandeirante acreditava—, movia-se, exaltada e inquieta, em favor da causa paulista.

Nesse ambiente de expectativas anciadas, eis que o Sr. Arthur Bernardes, em manifesto que dirigiu ao paiz, ergue a sua voz autorisada para exclaimar: “São Paulo é um Estado que honra a Federação. E’ o pioneiro do progresso patrio. Pela politica constructora que instituiria e pela applicação do seu povo ao trabalho e á producção, elle creou uma riqueza immensa no Brasil e pelo Brasil.

E’ o Estado que mais contribue para as despezas da União; é o maior contribuinte da receita, ouro, dos nossos orçamentos. Sua organização modelar tem servido de paradigma para os outros Estados, que ali mandam estudal-a e copial-a sem nenhum desdouro e antes com vantagem manifesta.

Não só, porém, por sua grandeza material ou por sua riqueza, aquelle nobre povo se impõe á consideração nacional;



elle merece ainda o nosso apreço pelo alto nivel da sua cultura intellectual, que, só por si, illustra uma Nação.

São Paulo está indissolavelmente ligado ás glorias do Brasil.

E' notorio ter sido o desespero que arrastou São Paulo a tomar armas.

Não lhe assistirá, porventura, o direito de opinar sobre os destinos do Brasil? Quando pretenderam negar-lhe esse direito, e procuraram tiral-o tambem aos restantes Estados da Federação, São Paulo pegou em armas e se pôz de pé pelo Brasil. Porque não o acompanharemos?

Quanto a mim, fico com São Paulo, porque para São Paulo se transportou a alma civica do Brasil!"

Essa voz perdeu-se no immenso deserto da estagnação civica brasileira. As montanhas mineiras, os sertões nordestinos, as coxilhas riograndenses, os valles cearenses, e as cidades litoraneas deixaram ficar sem écho este appello de solidariedade que partia, destemeroso, mas tardio, do peito varonil da maior figura da politica mineira actual.

São Paulo esperou, em vão, o concurso dos seus irmãos dos outros Estados. Estava só, absolutamente só. O seu gesto, erguendo-se como um só homem contra a dictadura que desconhecera todos os valores que vinham conduzindo a nacionalidade dentro dos padrões do liberalismo republicano, — mediocre e anachronico, é certo, mas superior em ordem e em progresso aos quadros dictadorias, — foi acolhido, no dominio da acção nacional collectiva, com a mais glacial das indifferenças. Ninguem, em cidade alguma, ou em qualquer Estado da Federação, interrompeu o seu trabalho, alterou os seus habitos, modificou a sua vida diaria, para dar, generoso e resolutu, aos seus irmãos paulistas o concurso da sua acção efficiente. O que se fez, para vergonha de todos, foi instaurar-se no paiz o regimen torpe dos boatos, segredados nos ouvidos uns dos outros, mas não sem previamente se certificarem, com olhares lançados para a esquerda e para a direita, se não havia risco da presença de algum agente policial.

Nesse afundamento geral de todas as energias, um peito christão lançou, corajoso e vibrante, uma palavra de verdade serena. Foi D. Becker, Arcebispo de Porto-Alegre, em mensagem dirigida ao Chefe do Governo Provisorio (JORNAL DO COMMERCIO, de 19 de Julho): "Rogo a V. Exa. offerer a São Paulo urgentemente uma formula accetivel para soluccionar promptamente esse gravissimo problema não só de character local mas nacional. Que sejam feitas razoaveis concessões mutuas.

A volta immediata do paiz ao regimen constitucional é uma necessidade premente.



Está claro que a lucta fratricida ha-de terminar mais cedo ou mais tarde pela reconciliação das partes litigiosas. E' preciso, portanto, impedil-a.

Não se deve permittir a autophagia da Nação nem que a morte enlucte milhares de familias brasileiras. Emquanto, os nossos patricios gemem sob o peso formidavel das armas, soffre todo o paiz.

Terriveis serão as conséquences de uma nova guerra civil".

Não attendeu o Sr. Getulio Vargas aos clamores do eminente prelado, a quem, na sua resposta, revelou, sem subterfugios, o plano rasteiro em que collocava a questão (Ibid.): "O Governo Federal foi aggreddido e cumpre-lhe agora resistir, para salvar as conquistas liberaes, conseguidas com a Revolução de Outubro".

Posto o problema neste terreno de competição politica, em torno da posse do poder, a attitude do Sr. Getulio Vargas não podia ser outra senão a que adoptou, como definitiva, no final da sua resposta: "O Governo Provisorio, resistindo, propugna pela manutenção dos principios da Revolução da qual foi V. Ex. um dos mais respeitaveis paladinos, pelo seu alto pensamento christão.

Queremos a paz. Para a conseguir, basta que os rebeldes deponham as armas, na certeza de que serão acolhidos com toda a benignidade, tratando-se de um Estado que, transviado pela indisciplina de uns e pela vaidade e orgulho de outros, se rebella contra o paiz inteiro. A elle cabe arrepender-se e demonstrar que deseja sinceramente a paz, que veio perturbar, tramando e desencadeando a sedição, injustificavel, sob qualquer aspecto".

Apezar do nenhum exito da nobre tentativa do illustre Pastor d'almas riograndense, alguns homens de coração bem formado, agoniados com o espectaculo dessa lucta fratricida, que absorve energias dignas de melhor sorte, acharam que era necessario insistir pela pacificação geral e immediata.

Dirigiram, por isso, aos responsaveis pelos destinos da Nação, um appello sereno e imparcial no qual definiram, com precisão rigorosa, a verdade dos factos (A ORDEM, n.º 30, pag. 82): "A sorte do Brasil exige um sacrificio reciproco. A Patria não póde supportar por longo tempo uma lucta em que se exgottam as suas forças mais vivas. É um entendimento honroso entre as forças em jogo é a unica solução capaz de reintegrar a Nação em si mesma.

**ESTAMOS ABSOLUTAMENTE CONVENCIDOS, —NO'S QUE TEMOS O DEVER DE CONSIDERAR OS ACONTECIMENTOS POLITICOS FORA DA PELEJA PARTIDARIA, MAS DENTRO DA REALIDADE VIVA DA NAÇÃO, — ESTAMOS CERTOS DE QUE O BRASIL SE ENTREDEVORA APENAS POR UM DOLOROSO**



## DESENCONTRO DE PONTOS DE VISTA, POR UM LAMENTAVEL E RECIPROCO DESENTENDIMENTO".

Nada justifica essa guerra civil. Quadros dictatoriaes e quadros constitucionalistas se equivalem na identidade, integral, das suas ideologias mediocres, vulgares, e sem horizontes. O clamor que em torno dellas se faz não deriva da sua equação perfeita com as aspirações elevadas de uma grande parte da população nacional. É a exaltação politica, é o odio accumulado paulatina e longamente, é a ambição desenfreada, que, em subalternidade horripilante, vêm, desde muito, creando este ambiente de agitação esteril e destruidora.

O panorama da vida publica brasileira é precisamente este que Lucas Ayarragaray (CUESTIONES Y PROBLEMAS ARGENTINOS, pag. 249) esboçou como espelhando a realidade da sua patria: "O que imprime certo aspecto de gravidade á crise politica actual é a ausencia de agentes e elementos renovadores, quer nos quadros governantes quer nos quadros da opposição; uns e outros estão prostrados pelo septicismo politico ou pelo septicismo moral. Os partidos extremistas estão mais aptos para a demolição do que para a construcção.

A geração que se iniciou revolucionariamente em 1890 está exgottada, e a que parecia destinada a substituil-a, militando immediatamente, não está estimulada, ao que me parece, nem pela fé politica, nem pelo entusiasmo transcendente, nem pelas energias de realisação que em todas as epochas caracterisaram as gerações argentinas, predestinadas para missões historicas: assim foram as que se encarnaram em Moreno e Rivadavia, a que cercou Urquiza depois de Caseros, ou a que Mitre dirigiu e enthusiasinou".

Entrando, em seguida, a analysar o estado d'alma destas duas correntes, em antagonismo, prosegue o illustre pensador politico platino: "Que o constitucionalismo argentino está em crise — certamente passageira — não existe a menor duvida, e signaes dessa fallencia seriam a prostração da consciencia civica, a esterilidade da opinião para forjar partidos, o rebaixamento parlamentar, e o dos outros poderes de Estado. Certamente não se trata de phenomenos esporadicos, senão de indices logicos e pathologicos. Approximadamente, desde 40 annos que a historia nos impelle até tal situação. Sob este ponto de vista todo o paiz politico foi cumplice activissimo das anomalias actuaes. Não deveriam, portanto, as facções lançar-se, successivamente, o peso das responsabilidades; isto equivaleria aos microbios que se escusassem das enfermidades".

Lançando, depois, as suas vistas sobre os quadros politicos do radicalismo argentino, adverte o eminente publicista da republica vizinha: "Poucos partidos têm existido na nossa



historia escudados, como o radical, em ideologias e methodos de governo mais simplistas, e a tal ponto que não puderam ser codificados no programma dos seus dois presidentes, o anterior e o actual, que chegam ao poder com os labios selados, envoltos em impenetravel mutismo. Quem conheceu os seus systemas de idéas em materia de instrucção superior, media e inferior, de propriedade, de finanças, de administração, de obras publicas, de politica interna e externa?"

Esta é, tambem entre nós, a situação das forças politico-militares, que ora se digladiam, em lucta sangrenta, em certas regiões do territorio nacional. Em substancia existe entre ellas a mesma identidade de pensamentos e de propositos. Nada melhor comprova esta verdade do que os manifestos trocados entre a Força Publica de São Paulo e a Força Publica de Minas Geraes.

A primeira, explicando á segunda as razões da sua attitude, proclama (O JORNAL, de 20 de Julho): "Combater a dictadura é, portanto, o dever principal da Força Publica de S. Paulo, como da Força Publica de Minas. E' uma condição de vida e de morte para as gloriosas milicias dos nossos Estados, ambas visadas pelos desmandos do regime discrecionalario.

Camaradas da Força Publica de Minas! A postos! Irmanemo-nos na causa que representa as nossas tradições de disciplina e de amor á lei, contra os arautos da indisciplina. Neste instante em que a ordem brasileira está ferida em seus fundamentos por uma dictadura que pretende eternizar-se no poder, deturpando as melhores conquistas da nossa civilisação, o movimento das milicias estaduaes deve ser o de combater, sem recuos nem desanimos, esse governo destituido de autoridade moral e publica que, com a sua preocupação usurpadora, quer destruir a organização federal do paiz, que é a base de sua grandeza e da sua prosperidade".

Como respondeu a Força Publica mineira a essa convocação vibrante e ardorosa da sua co-irmã paulista? E' impressionante o tom dessa resposta, por isso que della resulta, até a ultima evidencia, que entre essas duas organizações militares que estão, agora, a se entredevorar, nos campos da batalha, não existe a mais longinqua divergencia de ideaes e de aspirações: "Nós vos respondemos" — exclama a Força Publica mineira (O GLOBO, de 19 de Julho) "que os vossos ideaes são tambem nossos. Como vós, queremos a segurança e a felicidade do Brasil. Como vós, queremos que o nosso paiz se constitucionalise, e que isso se faça com sabedoria. Queremos que a federação se mantenha, com a autonomia dos Estados rigorosamente garantida. E queremos que não se desmantelle ou se estremeça a organização das milicias estaduaes.



Mas, para nós, a revolução de Outubro de 1930 marca um acontecimento fundamental na historia da Nação. Dessa revolução é que ha de provir a nova organização economica, politica e moral do Brasil. E para que isso se faça, cumpre que a ordem seja assegurada ao governo revolucionario.

Por isso, o que nós queremos, acima de tudo, é a ordem. Minas tem deveres irrevogaveis para com a Nação, e o maior desses deveres é justamente o de dar todo o seu esforço para que a reorganização racional se dealise num ambiente de segurança.

Não podemos, portanto, acudir ao vosso appello. Vós perturbastes a ordem e abalastes a segurança da Nação. A nós o que nos cumpre é cooperar para que uma e outra se restabeleçam”.

O appello, assim, formulado pelas associações culturaes de maior relevo no paiz, e por personalidades de reconhecido prestigio no seio da sociedade brasileira, enunciava verdade indiscutida quando proclamava: “Estamos certos de que o Brasil se entredévora apenas por um doloroso desencontro de pontos de vista, por um lamentavel e reciproco desentendimento”.

Nestas condições, não merecia tal appello a resposta displicente que lhe deu o Chefe do Governo Provisorio (CORREIO DA MANHÃ, de 14 de Agosto): “Coherente com os meus propositos amplamente divulgados, cumpro o grato dever de agradecer a atenção de vv. exas., expressando, ao mesmo tempo, sinceros votos para que, nossos patricios em armas ouçam o patriotico appello que lhes é dirigido pela voz serena e fraternal de altas personalidades e instituições representativas de nosso progresso social e economico e da cultura brasileira”.

Esta attitude dos nossos dirigentes, que jogam brasileiros contra brasileiros, numa luta sangrenta, utilizando, contra a vida e a tranquilidade de seus proprios concidadãos, os engenhos mortiferos que foram adquiridos para a defesa do territorio nacional, mostra que o paiz foi invadido por septiemia avassaladora, que precisa de ser combatida, com energia caridosa, que não tolera defecção, por todos os que, alheios aos interesses das facções, aspiram implantar no paiz a civilização verdadeiramente christã.

Cumpro, entretanto, accentuar que o mal de que soffre o paiz não começou agora, com o regimen dictatorial, nem tão pouco com as brutalidades arrogantes e intempestivas do Sr. Washington Luis.

A molestia tem origens muito mais remotas. A sua infiltração, no organismo nacional, se iniciou nos ultimos anno, do segundo Imperio, e de então para cá não encontrou nenhum obstaculo serio á sua funesta evolução. A causa que a gerou, foi a invasão, na mentalidade dos nos-



sos dirigentes, “do *espírito revolucionario*, dos *processos revolucionarios* (Gratry — LA MORALE ET LA LOI DE L’HISTOIRE, pag. 177). Estas palavras existem, e têm pessimo significado, e correspondem a determinado objecto. Violencia, soberania do fim, esmagamento das minorias, ruina da liberdade, odio da religião, desprezo das leis, dos direitos, aniquillamento das constituições, guerra nas ruas, anarchia geral; depois a dictadura, a centralisação absoluta, a depressão universal: certamente, eis um objecto, objecto formidavel, objecto historico que vimos com os nossos olhos, e mais de uma vez, e em muitos paizes, e que merece ter um nome. Seu nome, é A REVOLUÇÃO”.

Por effeito desse envenenamento funesto, embaralharam-se as idéas, perdeu-se a visão clara das cousas, e perverteram-se os mais nobres propositos, dando em resultado a inversão, na vida politica e social do paiz, de todos os valores espirituales e economicos, que deveriam conduzir o Brasil para a posse definitiva da *ordem social christã*.

A acção dissolvente que vêm exercendo, no nosso meio, e desde muito, as nossas classes dirigentes, que não cessaram nunca de cultivar, em progressão alarmante, o liberalismo integral, formou toda essa mentalidade simplista dos actuaes governantes, que, apoiados na força das armas, nos ameaçam com realisações desta natureza: “Calle Gallo, esquina Mansilla. Uma loja era o unico abrigo que tinhamos para o frio intenso. Sobre o chão de ladrilho”, — diz o Capitão João Alberto, em entrevista ao CORREIO DA MANHÃ, de 22 de Julho — “batiamos os nossos pés que se enregelavam. Juarez tiritava em sua unica roupa: um terno de palm-beach. Djalma e Siqueira se encolhiam procurando um aconchego. Os politicos nos chamavam para a revolução. Uma voz se elevou. Uma voz que sempre ouviamos com o maior respeito. E nos disse: “Não vamos. Querem de nós apenas que sirvamos como carne para canhão. Depois do triumpho os nossos ideaes não serão respeitados”.

Mas nós confiamos na palavra de quem nos chamava. Getulio Vargas e Oswaldo Aranha conheciam os nossos ideaes. Sentiam como nós e como a Nação, que se impunha uma modificação radical do regimen. E marchamos para a luta”.

Fixando, em seguida, e com mais nitidez o seu pensamento, affirma categorico o Chefe de Policia desta Capital: “Hoje o Brasil, depois de serenado o ambiente, só tem um caminho: organizar o Estado com a maior urgencia possivel, no terreno do direito publico.

Quanto á organização que se pretenda faazer, deve ser assumpto para discussões de technica. O que a Nação não póde tolerar, de forma alguma, é uma eleição precipitada, com o velho alistamento fraudulento. O passado não voltará mais”.



Qual será, entretanto, o alicerce sobre que repousará esta nova organização do Estado brasileiro, annunciada pelo Sr. Capitão João Alberto?

O RADICAL, de 26 de Julho, não deixa a menor duvida sobre as tendencias da futura constituinte. Na primeira edição desse dia, adverte o órgão mais autorizado da Revolução de Outubro: "No O Imparcial", — em Abril de 1913 — "concedeu Coelho Lisboa, admiravel entrevista sobre o momento brasileiro, da qual extrahimos, data venia, um trecho, por onde se vê que o grande republicano que foi Coelho Lisboa, ha dezenove annos, possuia as mesmas idéas centraes da Revolução no poder, notando-se uma perfeita communhão de vistas entre o que elle pensava ser a salvação do Brasil, áquelle tempo, e o programma revolucionario do Club 3 de Outubro.

Era assim que, em 1913, Coelho Lisboa pensava:

"Para salvar o paiz, fôra necessario: o povo em sua soberania suspender, por algum tempo, a Constituição; promover a sua reforma, em certos e determinados pontos, por uma Constituinte; sequestrar para o Estado as fortunas deshonestamente adquiridas; dissolver o Congresso; estabelecer, em uma reforma eleitoral, a inelegibilidade de todos nós que no periodo destes ultimos trinta annos, fomos senadores ou deputados, geraes, federaes, provinciaes ou estaduaes, presidentes de provincias ou de Estados, membros de Conselhos Municipaes, ministros, chefes de policia e prefeitos; dissolver o Supremo Tribunal, reorganizando-o mais tarde; tornar federal a magistratura em todo o paiz, promover a unidade do direito substantivo e adjectivo; crear um Tribunal de Contas, acabando com o existente, por inocuo; estabelecer, com semelhante Tribunal, a responsabilidade governamental que não existe, dando elementos ao presidente da Republica para annualmente prestar contas ao Congresso; e reorganisar a Marinha e o Exercito, guarnecendo as fronteiras.

Se assumir o governo um desses "estadistas" que, na opinião publica, deviam estar em penitenciarias, não temos talvez uma revolução politica, nestas ninguem mais confia porque os espiritos fortes se lançam no movimento com prejuizo da fortuna, saude e vida, e os malandros politicos fogem, deixam passar a onda e depois regressam para rodear de bajulação os vencedores e fazer com que tudo volte ao seu estado primitivo; teremos a revolução social e havemos então de experimentar o terror que a França conheceu".

E' de assombrar. Accordam-se as energias nacionais, desperta-se o entusiasmo de todos os brasileiros, acende-se, no territorio nacional, o facho ardente de uma revolução sem precedentes nos annaes da historia brasileira, e quando, ao termo de dois annos, essa revolução pensa em traçar, para o futuro, as linhas mestras do paiz, o



elemento que pretende se fazer passar pelo mais genuíno representante da alma brasileira, apaga todo o passado imediatamente anterior, para ir buscar, vinte annos atrás, e como se fosse o ideal da Nação, o pensamento excêntrico, anachronico, e de curta visão do sr. Coelho Lisboa. Nunca, na ordem dos acontecimentos sociaes, se verificou, de modo tão perfeito, a verdade desta observação de Karl Marx (*LA REVOLUTION ESPAGNOLE*, pag. 103, in *Oeuvres politiques*, trad. de J. Molitor, vol. VIII): "Entre outras particularidades, as revoluções têm esta: no mesmo momento em que um povo quer dar um passo para a frente, e começar uma era nova, elle se deixa sempre dominar pelas illusões do passado, e entrega toda a potencia e toda a influencia, que elle pagou tão caro, **ENTRE AS MÃOS DE HOMENS, QUE PASSAM OU PARECEM PASSAR, PELOS REPRESENTANTES DO MOVIMENTO POPULAR EM UM TEMPO ANTERIOR**".

Onde, porém, está o risco maior para a tranquillidade futura do paiz, é no proposito que o sr. Getulio Vargas acaba de manifestar, com annunciar que vae guerrear, mediante a divisão geometrica do territorio nacional, o regionalismo sadio e tradicional, que tem feito a nossa grandeza.

Conversando, na linha de frente, onde fôra em visita ás tropas federaes, ouviu o sr. Chefe do Governo Provisorio da bocca do Capitão Sayão esta advertencia (*O RADICAL*, de 18 de Julho): "Agora, dentro do Estado de São Paulo, nós já luctamos com certas difficuldades por parte das populações que têm um espirito de bairrismo inacreditavel. Ellas acham que não se trata de uma questão nacional, porém, unicamente regional.

E o Chefe da Nação, então, obtemperou:

Que fazer? O antigo regimen creou essa mentalidade errada e prejudicial á unidade da Patria. Tomando conhecimento desses detalhes e analysando-os, é que eu cheguei á conclusão **QUE NOS MOSTRA A NECESSIDADE DE NOVA DIVISÃO TERRITORIAL**".

Para onde pretenderá levar-nos o sr. Getulio Vargas, e o grupo exaltado, que o apoia? Que novas angustias nos prepara, para os dias sombrios de amanhã, o *espirito revolucionario*?

Em face dessas calamidades, que começamos a enxergar, aterrorisados, nos horizontes politicos da Nação, voltamo-nos para o *ECCLESIASTES*, afim de que nos revele, com a sua sabedoria infinita, os mysterios da hora presente. E elle nos diz, caridoso e compassivo, para consolar-nos da convicção interior da nossa esterilidade (Cap. III, 1-8): "Todas as cousas têm seu tempo, e todas ellas passam debaixo do céu segundo o termo que a cada uma foi prescripto.



Ha tempo de nascer e tempo de morrer.

Ha tempo de plantar e tempo de arrancar o que se plantou.

Ha tempo de matar e tempo de sarar.

Ha tempo de destruir e tempo de edificar.

Ha tempo de chorar e tempo de rir.

Ha tempo de se affligir e tempo de saltar de gosto.

Ha tempo de espalhar pedras e tempo de as ajuntar.

Ha tempo de dar abraços e tempo de se pôr longe d'elles.

Ha tempo de adquirir e tempo de perder.

Ha tempo de guardar e tempo de lançar fóra.

Ha tempo de rasgar e tempo de coser.

Ha tempo de calar e tempo de fallar.

Ha tempo de amor e tempo de odio.

Ha tempo de guerra e tempo de paz''.

O tempo de agora é de provação. O homem moderno cuidara demasiadamente de si, e do seu bem estar. Os pobres, esses representantes de Deus na terra, tinham sido esquecidos, nos seus soffrimentos, nas suas angustias, nas suas desgraças. O rico, na abastança da sua prosperidade, aperfeiçoara tanto o seu egoismo que não chegava nem mesmo a suspeitar que, ao lado do seu palacio, havia outro ser humano, filho, como elle, de Deus Omnipotente, e que desamparado de tudo e de todos, tinha fome e sêde de justiça,

Não admira, pois, que Jesus-Christo acabasse, tambem, por ser esquecido. Dos direitos da verdade, que Elle encarna, ninguem mais cuidou. Nem o poder publico, nem as instituições privadas, nem o homem poderoso. E porque assim foi, a Providencia fez surgir, no seio das sociedades contemporaneas, o tempo do soffrimento e da penitencia.

A tragedia, que ora se processa em terras brasileiras, é o quinhão que a sabedoria divina reservou, na distribuição das dôres, ao homem que esqueceu o seu glorioso destino. Saibamos acolher, humildes e resignados, o açoite da flagellação, que nos castiga, porque só assim poderemos ver raiar, nos horizontes da nacionalidade, a aurora magnifica da Redempção dos nossos peccados.



## REGISTRO ✓

### PELOS JESUITAS

Varias personalidades hollandezas, entre as quaes, membros do Governo, scientistas, escriptores, artistas etc., dirigiram ao Presidente da Republica Espanhola o seguinte protesto: "Em nome de milhares de antigos alumnos dos Reverendissimos Padres Jesuitas de Hollanda, que por experiencia pessoal conhecem a obra realizada em beneficio da juventude, por esta Ordem eminente, que principalmente no terreno da sciencia goza de uma reputação mundial, os abaixo firmados exprimem seu profundo sentimento pelo aggravo causado á dita Ordem, aggravo que se concretiza na sua expulsão de vosso paiz".

O Sr. Alcalá Zamora que, apesar de descendente de judeo e de quem se diz que é filiado á Maçonaria, em todo caso tem sentimentos religiosos. Esses protestos podem parecer innocuos. Mas é certo que, dada a situação de espirito de S. Ex., ao menos aguçarão, na sua consciencia, os remorsos pela injustificavel perseguição do Governo a que preside contra os abnegados filhos de Santo Ignacio.

### PROPAGANDISTAS CATHOLICOS

Em Segovia levou-se a effeito um retiro para propagandistas catholicos. Nesse retiro, alem dos exercicios propriamente de ordem espiritual, instruíram-se os propagandistas sobre os modos mais efficazes para o seu apostolado e sobre a orientação que a Igreja estabelece para as suas actividades.

Não se diga que esse retiro não tenha sido opportuno. Ninguém ignora que, por falta de conveniente direcção, muitos esforços mallograram e uns tantos ardores chegam mesmo a se tornar inconvenientes.

### THEMAS DE ACÇÃO CATHOLICA

Em Vigo celebrou-se uma assembléa de mocidade catholica. Os temas desenvolvidos na parte de estudos foram os seguintes: Organização: de Conselhos Regionaes, de Uniões Diocesanas e Uniões Locaes; Formação da Juventude Catholica: piedade solida, cultura scientifico-religiosa; Propaganda: fundação de novos Centros, trabalho de catequese das juventudes e apostolado do jovem catholico entre os catholicos.



PROGRESSOS DE GUADAJARA

O Governador dessa provincia, visitando um recolhimento de crianças, fez-lhes uma prelecção sobre o laicismo, terminando por dizer-lhes que estavam dispensadas de qualquer pratica religiosa.

O presidente da Deputação da mesma provincia, impressionado pela eloquencia governamental, declarou-se decidido a mandar fechar a capella do estabelecimento e a exigir das Irmãs de Caridade que alli trabalham, que se abstenham de falar de religião ás crianças. . .

A JUSTIÇA DA HISTORIA A inesperada morte do ultimo Rei de Portugal serviu, ao menos, para limpar o seu nome, publicamente, das torpezas com que a Maçonaria, no intento de arrebatá-lo o Throno, procurou destruir a sua reputação de estadista e portuguez.

D. Manoel II, pelo retrato que lhe foi attribuido pelos Magalhães e demais carbonarios, era apenas uma creatura entregue aos prazeres dos sentidos, ignorante e indifferente á sorte da sua patria.

Nem a dignidade com que se portou no desterro o monarcha deposto, menos ainda sua devotação, no exilio, a enriquecer o patrimonio cultural da sua terra, nada amainava a tempestade de odio dos apaniguados das sociedades secretas contra o mallogrado principe.

A Providencia, no emtanto, nos seus altos designios, havia determinado que a propria geração que fôra conclamada pelas "lojas" para vociferar contra D. Manuel de Bragança, se incumbisse da sua glorificação. E até a Republica, gerada no ventre dos homicidas que tiraram a vida a D. Carlos I e ao seu infortunado filho, essa mesma Republica teve de inclinar diante dos despojos mortaes do soberano que desterrou, sua bandeira em crepe, e proclamar, em documento publico, as virtudes de D. Manuel II como expoente de lusitanidade.

E assim, mais cedo do que se pensava, a Historia fez a devida justiça a uma das mais eminentes victimas da Maçonaria em nossos dias.

ESTATISTICA

Acaba de apparecer, em Roma, uma publicação da Congregação Oriental com informações detalhadas, historicas, estatisticas dos fieis do Rito Oriental, pela qual se verifica que elles attingem a oito milhões.

O BOM SENSO FRANCEZ O bom senso, durante muito tempo, pareceu uma virtude franceza. Mas ha largos annos, tem-se a impressão de que a Republica se declarou sua inimiga, e tenta desterrá-lo.



Comtudo sente-se que não conseguiu concluir tão ingrata missão. E é certo que, depois da grande guerra, constata-se uma volta da França desvairada á França gloriosa e christã.

Ainda agora chama attenção dos observadores, um desses symptomas de regresso ao bom senso do paiz. Com effeito, installou-se alli um Governo radical, e, comtudo, não se sente com coragem bastante para romper com a politica conservadora do seu antecessor. E mesmo em materia de ensino, em que o partido que está no poder costuma ser tão extremado, todavia, o novo Ministro da Educação, na reforma que promove, segundo declaração á imprensa, quer habilitar "o delegado dos paes de familia a discutir com os delegados dos corpos docentes as questões relativas aos programmas e hora de aula".

Deste modo far-se-á desapparecer o funesto absolutismo do Estado, que impõe ás familias o programma que entende, como se ao entrar na escola cessasse todo o direito dos paes sobre a sua prole.

Os BISPOS ALLEMÃES Os Bispos catholicos allemães, para prevenir a hypothese de uma victoria eleitoral dos inimigos da Igreja, em pastoral collectiva recommendam aos catholicos que se abstenham no pleito que ali se fere, de votar em partidos que, pelo seu programma, estejam em opposição á sua Religião.

Na Allemanha ninguem se lembrou de condemnar os prelados em causa, pela sua attitude, que todos consideram logica, natural, como realmente é.

Uma mesma attitude, no emtanto, em paizes catholicos como o nosso, provocaria protestos, e os Bispos seriam accusados de fazer politica em vez de cuidar da Religião. . .

CONGRESSO EUCHARISTI- rio do Japão, viu passar pelas suas  
CO NO JAPÃO avenidas, em triumpho, Jesus Sa-  
cramentado, como remate ás ce-  
lebrações de um Congresso Eucharistico, que alli se realizou em Junho ultimo.

Os catholicos japonezes, por essa occasião, deram um eloquente attestado da sua fé e, ao mesmo tempo, uma auspiciosa demonstração da efficiencia das suas organizações de piedade e de acção social.

CULTURA PHYSICA Nós, catholicos, em materia de ensino, somos retardatarios, rotineiros e incapazes de assimilar as conquistas da moderna Pedagogia, dizem solemnemente certos doutoresinhos engravidados de pedanteria, porque conseguiram soletrar um ou outro livro de autores norte-americanos ou allemães, que nos criticam com a mesma inconsciencia e a



mesma ignorancia do que essa famosa Pedagogia Moderna deve á propria Igreja Catholica.

Sobretudo, o que se afigura a esses empavezados censores como uma impossibilidade nossa para acompanhar os progressos pedagogicos da actualidade, é que estes consagram uma grande parte do tempo escolar aos exercicios phisicos e a doutrina catholica ensina o desprezo pelo nosso envoltorio terreno.

Que especie de desprezo é esse ou até que ponto deve elle chegar, segundo a nossa doutrina, é cousa que escapa á perspicacia de creaturas tão sentenciosas.

Parece que obedeceu a esta reflexão a iniciativa dos dirigentes de patronatos catholicos francezes que acabam de realizar, em Nice, com os seus alumnos, uma grande parada ao ar livre, em que tomaram parte 15.000 jovens que executaram perante um auditorio de 60.000 pessoas, toda sorte de exercicios phisicos recommendados para robustecer as novas gerações.

Em França ha tambem doutoresinhos superficiaes e tolos como os nossos. Depois da citada demonstração, que commentario teriam elles feito com os seus botões?

Está ahi uma cousa que valia a pena ser conhecida. Quando não tivesse outro resultado, bastaria a vantagem de nelles poderem se louvar os commentarios dos nossos, tão pouco originaes, ainda mesmo quando mais se empenham em affectar singularidade...

TRABALHA-SE NA ESPANHA

Para alguma cousa deve ter servido a Revolução hespanhola. Aos catholicos serviu para que comprehendessem que a ignorancia entre os fieis é uma das razões pelas quaes se enfraquece a resistencia em nossas fileiras e o inimigo obtem victorias sobre nós. Assim sendo, ha hoje naquelle paiz, um grande empenho no sentido de popularizar e intensificar o ensino da Religião.

Em Julho ultimo, uma instituição de professores fundada em Madrid, com esse objectivo, teve o consolo de conferir o diploma do curso de Apologetica a cem dos seus associados, cuja segurança de doutrina bem como aproveitamento nos estudos emprehendidos ficou demonstrado em rigorosos exames a que foram submettidos e nas theses que sustentaram.

Com vistas ao nosso Instituto Catholico de Estudos Superiores, para que faça a sua propaganda no seio do magisterio brasileiro.

OS GRANDES EXEMPLOS

Os catholicos se chegassem todos, acaso, a se convencer de que um grande exemplo é um acto de apostolado vivo, que persuade mais do que cem volumes de sabia polemica, seriam mais cuidadosos nos seus actos exte-



riores. Um homem cuja rectitude de espirito se affirme de modo preciso entre os que privam da sua companhia, será sempre respeitado e obrigará ao respeito das suas convicções ainda mesmo os que lhes são mais hostis.

Uma prova de quanto affirmamos, acaba de se verificar com a morte de René Bazin.

No dia do seu fallecimento, toda a imprensa franceza lhe tributou as maiores homenagens. E o seu credo catholico, proclamado em todas as circumstancias, não impediu que os proprios jornaes socialistas acompanhassem o coro de louvores ao grande extincto.

De todos os necrologios, porém, então escriptos, resalta que o traço que uniu em torno da sua memoria a sympathia de almas tão diversas, foi o exemplo de fidelidade, durante a vida, ás suas idéas, e da coherencia do acto final dessa existencia com os principios que a orientaram ao supportar com firmeza, paciencia e mesmo doçura, com resignação christã, os crueis padecimentos da enfermidade que o victimou.

Ao partir, pois, deste mundo René Bazin ainda fez brilhar sobre a Igreja os esplendores do seu privilegiado espirito aos quaes já se misturavam os resplendores da Gloria Eterna.

HOMENAGEM DE PORTUGAL A UM MISSIONARIO O Governo portuguez acaba de distinguir com uma das suas ordens honorificas, o missionario alsaciano Mons. Konillin que, ha trinta annos, se dedica á cura de almas nas missões portuguezas.

OS SENTIMENTOS DA NOBREZA Uma causa que, de futuro, tornará impopular o regimen republicano é a nota especifica das suas campanhas de propaganda, de ultrage aos sentimentos da Nobreza. Segundo a versão dos seus propagandistas, todos os vicios são peculiares ao sangue azul.

E o povo acreditou nisso cegamente. Agora, no emtanto, começa a desconfiar de que foi illudido. Isto porque a Historia começa a fazer justiça, illuminando a figura de uns, de outros, principalmente dos que chegaram a occupar um throno.

Uma dessas figuras que começam a ser beneficiadas com a devida reparação historica é a Imperatriz Eugenia, esposa de Napoleão III. Publicam-se, no momento, seus documentos intimos e, principalmente, sua correspondencia particular com a familia. Em uma dessas cartas, ás vespersas de subir ao throno, escreve a nobre dama hespanhola: "Duas cousas espero que me hão de sempre proteger: a fé em Deus e o immenso desejo que tenho de auxiliar as classes desprotegidas"



UM PREMIO DA ACADEMIA  
FRANCEZA

O Grande Premio da Academia Franceza, deste anno, destinado a consagrar os bemfeitores da lingua patria, foi conferido a uma congregação religiosa feminina, que se dedica á evangelisação dos indigenas nas possessões africanas.

E a Igreja é mãe do obscurantismo...

OS INSULTOS Á IGREJA  
NA ALLEMANHA

Um jornal berlinense, filiado aos nacionaes-socialistas, o "Der Angriff", publicou uma serie de grosseiros insultos á Igreja.

O Governo, tomando conhecimento de tão brutaes quanto gratuitos agravos, puniu com 8 dias de suspensão a folha insolente.

Isto na Allemanha. No Brasil, paiz catholico, não se pode pensar em punir os insultadores da Religião do povo...

ANTICHRISTIANISMO  
HISPANICO

A attitude do Governo hespanhol em relação á Igreja permanece no mesmo pé de intransigencia sectaria dos primeiros dias, com a differença, apenas, de que hoje, em dadas espheras, ha um certo cuidado em guardar as apparencias.

E essa attitude não poderá soffrer modificação sensivel emquanto estiver no poder a mesma gente que a Maçonaria elevou do plano da mediocridade aos postos de commando de uma grande nação christã.

Antes que as eleições geraes se realizem, a menos que venham a explodir em violencias o descontentamento e o mal estar que empolgam o paiz, não é licito esperar que os socialistas percam os cargos que, numa hora feliz o povo, secretamente orientado pelas "lojas", entregou a mãos tão incapazes.

Insensiveis á antipathia que, hoje, lhes vota o mesmo povo, á qual retribuem com expressões desdenhosas contra a "calle", os governantes da desventurada Republica se obstinam na execução do plano de deschristianisação da Hespanha, seguros de que chegarão ao final da sua obra.

A' habilidade politica de "guardar as apparencias", deve-se que em Madrid não se observam actos de patente exagero sectario que, no entanto, são recommendados ás autoridades das provincias.

Assim é que a requerimento de meia duzia de apaniguados, expulsam-se Vigarios da sua freguezia, como se verificou, ha poucos dias, em Villanueva de Alcolea; derribam-se monumentos religiosos como o do coração de Jesus, que ornava a avenida de S. Francisco em Valencia; prohibem-se os enterros religiosos ainda mesmo que o finado tenha, segundo a lei, deixado disposição escripta no sentido de ser realizado,



como acontece agora em Pizarra; prohibe-se por acto official, como o do alcaide de Almuzafé, provincia de Valencia, o uso de cruces como adorno, etc. etc.

Nem sempre, porém, essas rudes autoridades têm força bastante para conter as expansões religiosas do povo. Impedidos os actos externos do culto, aqui e alli o povo invade os templos, carrega as imagens em triumpho pelas ruas, acompanha solemnemente o Viatico que os Sacerdotes procuram conduzir discretamente aos enfermos, alça a Cruz á frente dos enterros, etc. etc.

Nestes casos as famigeradas autoridades provincianas appellam para o recurso das multas. Escolhem dentre os catholicos as pessoas mais qualificadas e lhes impõem pesadas multas.

E' claro que o Vigario abre sempre a fileira dos multados.

A essa tactica os catholicos passaram a replicar negando-se ao pagamento das multas, preferindo submeter-se á pena de encarceramento.

A malicia dos atrabiliarios beleguins da Republica, entretanto, não devia se deter diante desse embaraço, pois que do encarceramento só resultava beneficio aos recalcitrantes visto como ganhavam popularidade e, ao deixar as prisões, eram conduzidos para a casa entre ovações. Isto determinou em alguns desses famigerados reguletes a decisão de não prender mas cobrar executivamente, por meio de penhora e venda, em hasta publica, de bens dos multados.

Uma dessas violencias acaba de ser praticada pelas autoridades de Guadalajara contra o Vigario da villa de Atienza, que teve os moveis da sua residencia apprehendidos para pagamento de uma multa de 250 pesetas, que o mesmo se recusou a pagar, pela illegalidade da pena, uma vez que lhe foi irrogada a culpa do sahimento de uma dessas procissões que o povo effectuou sem seu consentimento e com a sua ausencia do referido acto religioso.

O "Ayuntamiento" de Vigo gastou as reservas de phosphoro que havia no miolo dos membros da sua "Comision de Gobernación" para descobrir uma nova modalidade de perseguição religiosa. E viu-se que para alguma cousa haviam de servir os leicencos de genio que brotam na cabeça de tão conspicuos estadistas. Com effeito, ninguem havia se lembrado ainda, em Hespanha, de investir contra os sinos das igrejas. Pois o "Ayuntamiento" de Vigo quer regulamentar o seu funcionamento, estabelecendo para os mesmos o regimen socialista das oito horas de trabalho...

Sobretudo não poderão funcionar antes das 8 horas da manhã...

O curso de acção catholica, instituido em Valencia, não poderia escapar á sanha destruidora dos modernos vandalos. Diante do exito que alcançou, pois a primeira turma, após



a serie de conferencias sobre o assumpto, viaja, no momento, pela França, Belgica, Allemanha, Hollanda e Dinamarca, para conhecer o funcionamento das mais celebres instituições catholicas, e outras encontravam-se em preparo, as autoridades da provincia acabam de ordenar o seu encerramento.

Na sua cegueira, entretanto, os pobres Dioclecianos manchegos não reparam que estão concorrendo para intensificar o fervor religioso dos fieis e para augmentar o prestigio da Igreja no seio do povo.

Ainda ha poucos dias um grande jornal madrileno, tratando do reflexo da politica religiosa do governo sobre a opinião publica, alludia, particularmente, aos theatros, onde "uma phrase qualquer de uma obra theatral, que faça uma affirmação de catholicismo ou um protesto contra a perseguição religiosa, produz, immediatamente, uma ovação".

E isto chegou a tal ponto que, hoje, quem faz uma peça de theatro para ser representada em Madrid, com successo, cuida, com empenho, de crear um ambiente, no enredo, em que a referencia á Igreja e á perseguição obtenha o maximo destaque.

Em gyria theatral, chama-se isto, em Madrid, "negocio catholico".

Parece-nos que não pode haver testemunho mais eloquente da impopularidade do governo que desgoverna, no momento, o grande povo espanhol e dos sentimentos de hostilidade das massas á sua orientação religiosa.

O THEATRO MODERNO Um jornal europeu entrevistou alguns escriptores de renome sobre o innegavel triumpho das mulheres, em nossos dias, na scena theatral. Um dos entrevistados associa a esse triumpho dous factos: a "frivolidade do momento" e o "conceito puramente sexual" que invade o theatro moderno.

Parece que não será facil contestar opinião tão judiciosa. Do momento, talvez se possa dizer que é mais tragico do que frivolo. Mas seria difficil deixar de reconhecer que ao espirito de uma assistencia theatral, em nossa epoca, ajuste-se outro adjectivo que não seja o da leviandade.

Individualmente alguns assistentes, pelo que representam como responsabilidade publica, como actividade social ou cultural, podem merecer respeito. Compondo, porém, a massa que enche taes casas de diversão, integram-se na imponderação do ambiente e, por connivencia, tornam-se cúmplices na obra de devastação das almas que o theatro moderno realiza.

Esse theatro está, realmente, calcado no conceito da sexualidade. Tudo, nelle, são estimulos para os sentidos. O adulterio, o divorcio e os vicios mundanos são ahi tratados



com indulgencia, e até mesmo glorificados, pelo que promettam de felicidade ao inquieto coração das creaturas. E o amor, o velho thema que empolgou as almas pela nobreza das suas aspirações no soffrimento, pela candura dos idyllios que inspirava, pela riqueza emocional de todos os seus motivos, no theatro da moda tem um destino vulgar entre as discretas paredes de uma alcova, muitas vezes de infame casa de tolerancia...

Está mais que evidenciado que, nos planos de destruição das sociedades occidentaes, os judeos incluíram como numero principal do programma a corrupção dos espiritos pelo theatro.

Plano diabolico, cujo exito somos forçados a confessar...

Em recente entrevista que lhe concedeu o Santo Padre, ouviu o Bispo de Tarragona (Espanha), a recommendação toda especial do Vigario de Christo no sentido de que se empenhe o Episcopado hespanhol na formação da consciencia religiosa do seu povo.

O prelado espanhol reconhece, em Pastoral que acaba de publicar, que só foram possiveis em seu paiz os actos de torpe sectarismo da nova Republica, porque a consciencia catholica de nosso povo está insufficientemente formada, talvez deformada".

Este é precisamente o caso do Brasil. Nós somos um povo de maioria catholica. O nosso catholicismo, porém, é muito de sentimento, é quasi uma religião de sentidos.

A formação catholica é insignificante em relação ás nossas necessidades. E se queremos evitar á nossa terra os dias de afflicção que soffrem presentemente nossos irmãos da Hespanha e do Mexico, é necessario, quanto antes, activar, multiplicar os esforços que aqui já se empregam no sentido da formação da consciencia religiosa das massas, muito principalmente das classes que exercem o governo da sociedade pelo poder, ou pelo espirito.

O nosso Instituto, nascido sob tão bellos auspicios, é uma das obras que mais resultados podem colher nesse apostolado. E' necessario que elle tome sempre mais incremento e que dentro em breve se transforme na ambicionada Universidade Catholica.

MONSENHOR SEIPEL A Austria perdeu, com a morte recente de Monsenhor Seipel, a figura central da sua vida publica, um raro modelo de cidadão e de sacerdote.

Projectado em pleno scenario politico do seu paiz em hora angustiosa, assumiu o seu governo nos dias tragicos de 1922, em momento que parecia destinado ao seu total anniquilamento, em dois annos de trabalhos gigantescos dava ao Estado uma nova estructura, terminava a monumental or-



ganização de sua patria em bases novas, e restituia ao seu povo o orgulho de poder affirmar que a Austria era uma nação.

Da genialidade da sua obra politica resaltam as virtudes maximas do cidadão, que, desprendido de toda ambição pessoal, deu o exemplo do patriotismo até o sacrificio, pela grandeza da sua terra e felicidade dos seus compatriotas.

Nessa robusta organização de homem não foi menos eloquente a expressão do sacerdote. Capellão, professor de Theologia, educador de futuros Ministros do Senhor, jamais preteriu o menor dever de piedade e obrigação do seu estado sacerdotal, ou ainda do magisterio a que se devotou, nas mais arduas circumstancias da sua vida.

O seu elogio como Ministro de Christo fel-o o proprio Santo Padre, que se confessou impressionado pela unção e pela piedade dessa figura estranha de sacerdote, que empolgou uma nação em pleno triumpho das idéas impias e em plena era de apostasia das classes dirigentes pelo mundo.

#### A IGREJA E OS TRABALHADORES

Os inimigos da Igreja, que o são também, consciente ou inconscientemente, do genero humano, em suas constantes calumnias contra a mesma, costumam insistir na affirmação de que ella é uma organização para sustentar a força, a riqueza e o poder.

Se a paixão, de ordinario, não cegasse as intelligencias, esta aleivosia não teria possibilidade de exito, mesmo em face de um argumento de senso commum: sendo os elementos dirigentes da Igreja, em sua maior parte, recrutados entre as classes mais humildes, não se comprehenderia que tivesse ella o espirito de interesse e de dominio que se lhe attribue.

Além disto, quem conhece a historia da Igreja sabe perfeitamente que as suas grandes luctas e os seus maiores soffrimentos, em via de regra, se originaram da resistencia que tem opposto aos desmandos da força e á cupidez dos potentados.

Seu interesse pelos pequenos, porém, não tem tido apenas esta expressão negativa. Em todo os tempos, como a mãe extremosa que reserva o melhor dos seus carinhos para os mais debeis fructos das suas entranhas, assim também a Igreja tem mantido acima de tudo sua sollicitude para com os filhos menores e mais soffredores.

Em relação ás massas trabalhadoras, a Igreja tem feito em seu beneficio tanto quanto as circumstancias lhe têm permittido. E como attestados eloquentissimos dessa dedicação estão ahi, modernamente, as Encyclicas "Rerum Novarum" e "Quadragesimo Anno", de Leão XIII e Pio XI, que tiveram uma immensa repercussão pelo mundo inteiro e que dispuzeram, em favor do operario, o animo de muita gente e a legislação de varios povos.



Em testemunho de reconhecimento aos beneficios advindos desses dous notaveis documentos, deliberaram os catholicos hollandezes promover, annualmente, uma grande commemoração ás duas citadas Encyclicas.

Que tão lindo exemplo se propague a toda a christandade.

SEMANA SOCIAL DE LILLE Um dos maiores successos da actualidade catholica do mundo, consiste nas semanas sociaes que a França organiza annualmente. Da sua importancia basta dizer que repercute sobre os organismos technicos da "Liga das Nações", de ordinario bem pouco sensiveis ás emanações do meio catholico. No mez findo realizou-se em Lille um desses certames dedicados a estudar os assumptos sociaes e a oriental-os em sentido catholico.

O CENTRO CATHOLICO  
NA ALLEMANHA

Mais de uma vez temos assignado aqui a importancia da actuação do Centro Catholico na vida interna da Allemanha. Sem constituir um partido propriamente de maioria naquelle paiz, entretanto a elle se tem devido, nas difficeis circumstancias que o seu povo tem atravessado depois da guerra, o equilibrio nacional. Em Weimar, sem a sua actuação, o paiz teria recebido, na sua Carta Politica, um instrumento de violencias. Sem a sua actuação no parlamento e no Governo, as facções extremistas que perturbam a vida allemã teriam, de ha muito, atirado a nação em plena guerra civil. Afastado do Governo, em um momento em que nenhum partido foi chamado para constituil-o, o bom senso allemão comprehende a necessidade de manter o Centro Catholico na situação de relevo que tem tido durante a Republica. Não é, aliás, nenhum exagero dizer-se que da actuação do Centro Catholico na Allemanha depende muito o proprio equilibrio europeu, pois que uma Allemanha revolucionada constituiria um dos grandes triumphos dos Soviets na sua politica internacional; e uma Allemanha entregue aos braços de Hitler constituiria uma terrivel ameaça para a paz do Continente.

O MEXICO NÃO SAE DE  
SCENA

Muita gente tem a impressão de que a perseguição religiosa cessou no Mexico. Isto porque não apparecem mais noticias de massacres de catholicos e porque o Governo d'aquella Republica firmou um accordo com a Santa Sé, ha cerca de dous annos. Pura illusão! Os catholicos foram victimas do mais refalsado embuste, da parte dos caudilhos que se apossaram do Governo do paiz. Com efeito, certos de que pela violencia não poderiam dominar o povo revoltado, os dirigentes do Mexico procuraram a mediação da Santa Sé no conflicto. Assumiram compromissos solemnes em troca da rendição do povo. O Santo Padre obteve que a lucta cessasse. Restabeleceu-se a



normalidade naquelle paiz. Como, porém, a perfidia era o que inspirava os dirigentes mexicanos no entendimento sollicitado, mal se viram senhores da situação recommencaram a politica de perseguição religiosa, não já pelas armas, porque o povo estava desarmado para resistir, porém procurando impedir toda influencia espiritual na formação da juventude, corrompendo a infancia com os methodos pedagogicos do bolchevismo russo, attentando contra a jerarchia da Igreja e reduzindo todos os seus meios de actuação na sociedade. O Mexico, desgraçadamente, continua na primeira fila das nações perseguidoras, o que é comprehensivel, sabido que é um paiz em que a incultura e a mediocridade formam na actualidade o typo do homem de Governo, e que a Maçonaria escravisa sem clemencia.

“EM NOME DE DEUS” “A quelque chose malheur est bon...” O processo do assassino de Doumer, o mallogrado Presidente da França, serviu para pôr em evidencia que, naquella Republica, orgulho do laicismo contemporaneo, Deus ainda guarda o seu lugar no Tribunal do Jury. Com effeito, a formula de juramento ali, para os juizes de facto, começa pelas edificantes palavras: “Juro diante de Deus e por minha honra”. A’ publicidade, pois, do processo de Gorguloff, deve-se que muita gente venha a conhecer essa particularidade de muitos ignorada e, para uns tantos, realmente extranha.

#### ESTADOS QUE REMUNERAM O CLERO

De quando em quando, uns quantos moços “adiantados” mostram estranheza em que em paizes do nosso Continente, haja Estados que ainda remuneram o Clero. E vem logo a conclusão fatal: “Isso é um atrazo”. Convem, portanto, lembrar aqui que, mesmo fora do Continente sul-americano e em paizes algo menos atrazados que Costa-Rica, a norma ainda é o estipendio do Clero pelos cofres publicos, como retribuição aos seus serviços em prol do Estado. Entre esses paizes contam-se quasi todos os que constituem a federação germanica, inclusive a Prussia, a Belgica, a Dinamarca, a Hollanda, a Inglaterra, Irlanda, Yugoslavia, Polonia, Lituania, etc.

SOBRE O CASAMENTO CIVIL Ha pouco mais de um mez, o Governo espanhol puniu com a suspensão dos seus subsidios o Bispo de Segovia, porque, em uma pastoral, advertia aos fieis de que o casamento civil é um acto para regular apenas os interesses materiaes do matrimonio, restando, pois, ao catholico, o dever de realizar o casamento religioso que é o unico que legitima a união de corpos. Agora o Bispo de Madrid-Alcalá, em outras palavras, repete a recommendação do seu eminente collega do Episcopado. O Governo, porém, prefe-



riu desta vez não se dar por achado, o que leva a concluir que a punição imposta ao prelado de Segovia teve consequências que os perseguidores não previram.

#### 45.000 CRIANÇAS SEM INSTRUÇÃO

Segundo recente publicação do Ministerio da Instrução, ha em Madrid cerca de 45.000 crianças privadas de ensino porque o Estado não tem recursos para ministrá-las. Não obstante persiste no intento de fechar as escolas catholicas, contra as quaes exerce toda sorte de compressão. De modo que fica patente que não é o desejo de dar instrução ás crianças, o que move a actividade da nova Republica no que respeita ao ensino, mas exterminar as fontes de formação religiosa da infancia hespanhola.

#### ACTIVIDADE DA JUVENTUDE DE HESPAÑHOLA

Um dos campos em que mais se trabalha hoje, é no apostolado da juventude. Em Vigo, realizou-se, no mez findo, uma empolgante demonstração dos progressos desse apostolado por ocasião da Assembléa Regional das Juventudes Catholicas, na qual tomaram parte todas as organizações de moços catholicos da Gallicia, e que constituiram um acontecimento da mais alta significação para o futuro da Igreja na Hespanha.

#### BRIGAM AS COMADRES...

As desavenças dos republicanos, na Espanha, para alguma cousa têm servido: para que se tenha confirmação de que não é por mero espirito de opposição que a Igreja accusa o actual regimen de oppressor dos seus direitos e de tyrannizador da consciencia catholica. Com effeito, em todas as recriminações feitas pelos republicanos desavindos com o poder, na Espanha, é de rigor a accentuação dos propositos religiosos do Governo espanhol, desde Melchiades Alvarez a Lerroux. Brigam, pois, as comadres, e depois descobrem os "podres" umas das outras...

#### OBSERVATORIO DE EBRO

Emquanto o Governo Espanhol nega a benemerencia da Igreja na vida cultural do paiz, do estrangeiro chegam confortantes demonstrações de apreço aos sacerdotes que naquelle paiz têm consagrado sua existencia ao progresso dos conhecimentos humanos. Com esse intuito, chegou o mez passado em Tarragona, o Sr. La Cour, chefe do serviço meteorologico e Presidente da Commissão Internacional do Anno Polar, para offerecer ao Padre Rodés, director do Observatorio de Ebro, os aparelhos magneticos necessarios para que os seus estudos possam cooperar na proxima campanha do Anno Polar. O cientista dinamarquez offereceu ainda áquelle Sacerdote, em nome da entidade que preside, um cheque para occorrer ás despesas que terá de fazer com os estudos em apreço.



APÓS UMA SEMANA

As festas de Nossa Senhora do Carmo e de S. Tiago, padroeiro de Espanha, offereceram ensejo a algumas atrabiliarias autoridades da provincia para dar arrhas da sua subserviencia aos propositos perseguidores do governo republicano naquelle paiz, multando familias que enfeitaram a fachada de suas casas com vistosas colgaduras, impedindo a realização de actos commemorativos radicados nos habitos do povo.

Sem embargo disso, as duas datas, como em todos os annos, foram largamente festejadas em Hespanha, sobretudo a do seu padroeiro.

Já enxergaram os maçons o incremento que tem tomado nestes ultimos tempos a actuação das juventudes catholicas. Começam as autoridades a crear-lhes embaraços. Assim é que uma demonstração da juventude de Santander, marcada para 24 do mez passado, foi prohibida quasi na vespera da sua realização.

O odio á Cruz continua a alimentar os propósitos hostis dos socialistas apossados dos cargos politicos. Como consequencia disto o alcaide de Zafra em Badajoz levou á prisão 14 pessoas e denunciou outras tantas como perigosas á estabilidade do regimen porque ostentavam cruces sobre o peito.

A "Comisión Gestora de la Deputación" de San Sebastian, depois de accurados estudos sobre os "deficits" da administração republicana naquelle municipio, chegou a uma conclusão interessantissima, propondo para equilibrio de seus instaveis orçamentos a criação de um imposto "de solteiro" sobre o Clero...

A Espanha festejou tambem com verdadeira pompa o dia de Santo Ignacio. Não esqueceram as improvisadas autoridades da nova Republica os agravos que têm da Companhia de Jesus, e procuraram de todo modo, aqui e alli, empanar o brilho das commemorações a seu fundador. O Governador de Bilbao, não podendo impedir na sua cidade que as casas ostentassem, n'aquelle dia, as tradicionais colgaduras, limitou-se apenas a prohibir como attentatorias da seguridade das novas instituições, que sobre as mesmas se collocassem as bandeiras pontificias, do sagrado Coração de Jesus e a monarchica.

E' cousa difficil enfeixar em uma pequena noticia, todos os atropelos, todos os abusos de autoridade, todas as violencias com que o sectarismo impio dos homens postos nos cargos de responsabilidade da nação, em Espanha, diariamente vexam a consciencia religiosa do povo e tornam odiosa ao coração de todo hespanhol a figura da Republica que entre elles se implantou.



ESCOLA CATHOLICA E ESCOLA UNICA

Um orador, a convite da Associação de Paes de Familia, falando em Toledo sobre a escola catholica e escola unica, accentua, com evidente oportunidade, a moderação dos catholicos, dizendo que em paizes como a Espanha (e é também o caso do Brasil), constituindo a maioria da nação, portanto contribuindo com a maior parte da renda do Estado, assiste-lhes o direito de exigir que a escola official seja catholica. E todavia o que elles pleiteiam naquella Republica é apenas o que se lhes concede em paizes de maioria protestante como a Inglaterra e a Hollanda, isto é, a parte proporcional correspondente á contribuição que pagam á fazenda publica.

E no Brasil, que pleiteamos nós em materia de ensino?

MONUMENTO AO CORAÇÃO DE JESUS

Em confirmação da prophesia de Madre Rafols, ha cem annos, a Espanha deu ao culto do Coração de Jesus um cunho nacional. Attestando essa devoção do paiz existem, em varias cidades hespanholas, nas praças publicas, monumentos erigidos ao Sagrado Coração.

A estupidez revolucionaria investiu com furia contra esses monumentos. Varios foram damnificados. Agora as autoridades municipaes comecam a visal-os na sua obstinação demolidora. O povo, porém, está reagindo.

Ha poucos dias chegou ás mãos do Governo da Republica uma representação de Madrid-Villanueva de la Serena, contra o "ayuntamiento" local que pretende demolir um desses monumentos de um logradouro publico. Firmavam o mesmo protesto, em termos decisivos, 5.000 pessoas.

A MYSTIFICAÇÃO DE UM MINISTRO

Por ocasião da morte de Briand, o "Osservatore Romano" publicou uma nota elogiosa ao grande morto. Na alludida nota assignalou as duas phases distinctas da actividade politica de Briand: seu ardor anticlerical, ao iniciar a vida publica e, por fim, seu arrependimento concretisado no empenho com que trabalhou para reconciliar o Governo do seu paiz com a Santa Sé. E adiantou mais ainda: "Nos ultimos tempos da sua vida Briand sentiu a força, a potencia, e por ventura, a belleza da idea religiosa da missão da Igreja, e pronunciou palavras de sabia admiração pelo Chefe Augusto da Catholicidade e pela immensa e sublime obra do Summo Pontifice em prol da paz dos povos".

Evidentemente é a essa segunda phase da vida de Briand que se dirigem os louvores do órgão officioso do Vaticano. Ainda que esse pensamento não estivesse, como estava, categoricamente expresso, ninguem, em bom uso de razão, po-



deria conceber que o "Osservatore" fosse engrinaldar de adjectivos amaveis a frente do inimigo confesso da Religião.

E todavia, um Ministro da novissima Republica Hespanhola, o sr. Marcelino Domingo, assim o entendeu ou fez que entendeu. O facto é que em uma das suas ultimas arengas em Tortosa, para defender as medidas de perseguição religiosa da sua Republica declarou que com ellas estava conforme a Santa Sé, como se viu recentemente pelo elogio feito pelo "Osservatore Romano" a Briand, autor da lei de separação da Igreja do Estado em França.

Não se pode ser mais perfido.

Que a Igreja não está de accordo com a politica religiosa da Republica Hespanhola sabe-o sobejamente o sr. Domingo que, como Ministro de Estado da mesma, se tem inteirado dos protestos contra essa politica formulados pela Santa Sé.

Que o "Osservatore Romano" tenha applaudido a politica separatista de Briand, pelo mesmo repudiada depois, é um desses embustes que só a inescrupulosidade maçonica do actual Ministro da Agricultura de Hespanha, pode ter a ousadia de impingir em uma falação publica.

#### SEMINARIO BRASILEIRO EM ROMA

Sabe-se que está terminada a construcção do Seminario Brasileiro em Roma. Lembremos que o Santo Padre Pio XI foi, por assim dizer, o creador desse instituto. E tamanho foi o seu interesse pelo nosso Seminario que, sem attender ás difficuldades financeiras do Thesouro de S. Pedro, subvencionou com expressiva generosidade a construcção do edificio.

Prompto o mesmo, resta agora apparelhal-o para que funcione com a indispensavel eficiencia. Certamente o Episcopado Brasileiro terá, novamente, de recorrer ao obulo dos fieis afim de dotar o novo Seminario desse apparelhamento e, ainda, do necessario patrimonio afim de que se mantenha condignamente. E estamos certos de que, pobres e ricos, todos contribuirão largamente afim de que uma obra tão indispensavel para a formação e orientação da nossa cultura religiosa e social dê, quanto antes, os seus tão desejados fructos.

#### OS ENTERROS RELIGIOSOS NA HESPAÑHA

A balburdia observada na politica religiosa do Governo Hespanhol está dando lugar a occurrencias que caracterisam o estado de anarchia da administração publica naquelle paiz. Com os enterros religiosos estas occurrencias quasi diariamente se repetem. Assim ha provincias onde taes enterros são permittidos. Ha outras onde, não somente são permittidos como ainda as autoridades civis, em instrucções aos seus subordinados, a que deram publicidade, declaram que esta pratica não tem nada de inconstitucional.



Ainda ha poucos dias, em Madrid, affectuava-se um desses enterros, com a aggravante de tratar-se da irmã de um Ministro de Estado, ao qual compareceram o proprio Ministro, varios dos seus collegas do Governo e um representante do Presidente da Republica.

Não obstante ha outras provincias e varias onde taes enterramentos são expressamente prohibidos, castigando-se com extremo rigor os infractores, como acaba de acontecer no povoado Villar del Arzobispo, em Valencia, onde foi encarcerado o Vigario porque, a pedido da familia de um morto e mediante autorização verbal do substituto do Alcaide, celebrou o enterro de cruz alçada, como é de costume no paiz.

O Alcaide de Langreo está tambem entre os intolerantes. Acaba de expedir uma circular aos Sacerdotes communicando que o artigo 27 da Constituição prohibe não somente os enterros religiosos como a trasladação do Viatico pelas praças publicas.

O Alcaide de Iznatoray chega ao extremo de prohibir que se conduzam mesmo sobre o vestuario insignias ou emblemas religiosos.



# SECÇÃO UNIVERSITARIA <sup>x</sup>

A. U. C.

CRONICA DO MÊS

## CANUDOS EM PERSPECTIVA

E' preciso descer um pouco mais na pesquisa das causas acionadoras dos movimentos sociais. Não se deixar nunca perder na contemplação das superficies, porque todas as formas de que se revestem as evoluções não explicam e não comportam as perspectivas sucessivas em que se desenvolvem. A animar estas formas, sejam quais forem, ha sempre no subsolo social as forças latentes de desequilibrios: economicos, espirituais e politicos. Pode disfarça-los a força das dialeticas lirisantes, podem nega-los os interesses de uma diplomacia ou a cegueira de um ignorante. Eles não desaparecem. E suas resultantes são sempre fatais. Porque quando incompreendidos, disfarçados e mesmo revoltantemente especulados, espoucam, resolvem-se nas lutas pelas armas, liquidam-se na sangueira brutal das trincheiras, terminam nos crimes coletivos dos povos. E tudo sossobra e rue ao desencadear dessas forças em desharmonia. Inteligentes os povos que teem a coragem intelectual de encara-los! Felizes as nações que teem a nobreza moral de não explora-los!

\*  
\* \*

Com estas considerações abrimos esse ligeiro delineio de um quadro que nos contrista não tanto pelo tragico sinuoso de suas linhas, quanto pela incompreensão dos que observam explorando-o, dos que compreendem-no traindo-o.

\*  
\* \*

A revolução de 30, si assumiu feição salientemente politica aqui no Sul, não teve para todo o Brasil e quiçá para todo o Sul, esse unico sentido. Provocaram-no outras causas. Não foi a depuração de deputados problematicamente eleitos, nem a falsificação de atas eleitorais, que deram com a pri-



meira Republica em terra. Depurações e atas falsas fizeram-se e far-se-ão, futuro além, enquanto a nação curvar ao peso de 90% de analfabetos.

A fatalidade dos erros politicos está na conciencia da nação. A revolução de Outubro foi feita pela Nação contra S. Paulo. Foi feita contra a politica paulista que não era mais que a expressão nacionalizada da defeza dos interesses economicos desse Estado. Contra essa politica, conciente ou inconcientemente, levantou-se toda a Nação. O Norte solidarizou-se ao Sul.

\* \* \*

Se os interesses dos demais estados do Sul limitavam-se a pretenções politicas, muito além estendiam-se as aspirações do Norte, cujas contradicções são chocantes, cujos interesses são mais vivos nessa luta em que se empenha. A situação do Norte agrava-se de anos.

O Norte que com seus produtos da borracha e do assucar dominou a economia do Brasil até meados do seculo XIX, está hoje desorganizado, exaurido e pobre. Com a valorização dos produtos sulinos, com a hegemonia paulista assente no café, contrasta o depauperamento crescente do Norte, largado aos azares da seca e ao esquecimento da nacionalidade. E no progresso do Sul, injusta mas compreensivelmente, enxergam as populações do Norte a explicação de sua pobreza. E' bem facil avaliar o estado de animo que as desespera.

\* \* \*

A contradicção espiritual não é menor. E' mesmo tragica. Lá é o drama do homem que desiludido da terra apela para as esperanças de um céu. São almas que se fizeram de sol e afeioaram-se aos rigores das inclemencias caniculares.

\* \* \*

A densidade da população, esparsa pela zona sertaneja, não permite a vida organizada dos paizes normalmente constitucionalizados. Constituição nessas paragens não tem significação, porque tudo ali se resolve policialmente ou nada se resolve. O contrario, as morosas medidas da burocracia constitucional significam, apenas, o absolutismo dos chefes locais amparados no prestigio da clan e de todos os crimes indultados pelo desprestigio da autoridade naquelas remotas regiões. Certo, na orla maritima é diverso. Não se afigure, entretanto, que isso seja a unica expressão do Norte. A par dessa lamentavel situação, tem ele centros culturais que não invejam os mais adiantados de todo o paiz, e tem, se quizermos, uma cultura, ao menos literaria, propria.



O esforço do homem é grande e silencioso. Esses centros aspiram e querem uma renovação, sonham a redenção dessa humilhante atitude que, ha seculo e meio, constringe e martiriza homens que, quatro anos antes de todo o Brasil, saudaram galhardamente a manhã das liberdades negras.

Juntemos a essas desprezenciosas considerações a autoridade de Oliveira Viana: "que, se ao Sul a civilização e a disciplina do Estado deram um pouco de amenidade e tolerancia aos costumes politicos, ao Norte ha regiões inteiramente barbarizadas onde a ordem publica não se pudera estabelecer, onde as classes, em que se dividia a população, resolviam os seus conflitos particulares e os partidarios pelo assassinio, pela chacina e pelo saque dos adversarios e dos vencidos. Fazer emanar dessas populações os órgãos de justiça e de policia, não era defender a liberdade, mas condená-la á morte pelo trabuco e pelo banditismo". (O Idealismo na Evolução Política do Imperio e da Republica. 1922. Bibl. do "Estado de S. Paulo", p. 85).

\*  
\* \*

Vemos, portanto, essas claras e inegaveis contradições. A situação atual da Nação não dá lugar a ilusões. Ainda quando désse, nós as repeliríamos. O Sul divergiu de S. Paulo politicamente. Breve essa opposição desaparecerá. A dissensão do Sul é toda superficial e transitoria. Amanhã estará unido porque nada o divide. Os dois campos estão, portanto, delimitados. As causas assinaladas. As hostilidades continuar-se-ão se nossos homens não tiverem a coragem intelectual de encara-las de frente, se não tiverem a nobreza moral de não explorá-las. As responsabilidades repartem-se pelos dois campos. E, por ventura, bem mais consideravel a parte que toca ao Sul nessa encruzilhada da nacionalidade e, porque é a parte forte. Não se desdenhe, entretanto, a atitude do Norte. Ela poderá ser decisiva. E populações que generosamente teem vertido seu sangue pela causa da Nação, desde o batismo de guerra da nacionalidade em Guararapes e Tabócas até as arrancadas alucinadas de 1817 em que "no Brasil se aprendeu a morrer pela liberdade", certo, não voltarão facilmente sobre o pouco de caminho que procuram fazer.

\*  
\* \*

Aproxima-se o ponto crucial dos destinos da Patria. Ou a solução racional e integral do problema, ou teremos mais um crime coletivo na historia da nação. Nos sertões, de encontro ás muralhas duma cidade remota, no tempo pela civi-



lização e no espaço pela inhospitalidade do sitio, repetiram as forças brasileiras o drama de Cartago. Não tiveram vencidos, os vencedores. Se não se integra, pois, o Norte com intelligencia e nobreza, aos destinos e ao nivel da Nação, é fatal a luta estúpida pelas armas. (E repetir-se-á, em muito maiores e funestas perspectivas, o tragico crime de Canudos.)

J. J. S.



## BIBLIOGRAPHIA <sup>x</sup>

*Cidade do Sonho e da Melancholia*  
— GILBERTO DE ALENCAR — Juiz  
de Fóra, 1926.

Reunindo em livro suas “Impressões de Ouro-Preto”, publicou ha tempos o A. esta interessante obra que se lê com o sentimento enternecido duma pagina comovente de justiça e de amor. Impressões ás vezes fugidias despertadas pelo ambiente singular da cidade unica, notas soltas, comentarios, pedaços de historia, reivindicações, preciosas noticias — tudo isto se encontra no livro do Sr. G. de A., que tem pelo menos este merito suficiente de atrair as vistas para uma cidade que é uma das mais emocionantes reliquias do nosso passado, a cidade onde se pisa historia, e onde se sente o tempo numa epoca em que não temos mais a consciencia dele.

L. A. A.



*Tres Novelas* — CLAUDIO DE SOUZA  
Cia. Edit. Nac. — S. Paulo, 1932.

Aos seus quarenta e tres livros, de que uma lista da parte interna da capa solicitamente nos informa, vem o Sr. Claudio de Souza acrescentar mais este, em louvavel competição com o Sr. Coelho Neto, seu colega de immortalidade, o qual afinal tem ainda vantagens que o Sr. Claudio de Souza certamente desfará com o tempo. . . Nestas tres novelas, cujo lado literario não corresponde a uma expectativa menos acomodaticia (sem prejuizo isto das qualidades de imaginação e finura de quem está ao menos habituado a ler e meditar e escrever) — ha teses que evidentemente não aceitamos, como a do divorcio que o A. defende com insistencia, e outros aspectos de que uma Arte digna e profunda se recusa a tratar da maneira como o A. os encara, sem falar na propaganda comercial dos seus proprios livros que repercute penosamente, feita assim dentro duma novela, e novela galante. Haveria que dizer ainda deste livro. Deixamo-lo a outros. Mas sem ser dos



que se rejubilam com a diminuição sistemática de notabilidades — força é reconhecer que ele não corresponde, como se dizia acima, a uma expectativa menos acomodaticia.

L. A. A.

*Objectivos de Politica Pragmatica*— JOÃO HENRIQUE — RIO, 1930.

Reunindo em livro tres trabalhos que no Congresso Mineiro teve ocasião de defender, pratica o Sr. João Henrique um bellissimo gesto que é de facilitar ao grande publico a analise dos temas de que os legisladores se vão olímpicamente occupando. Deputado estadual mineiro então, o A., que bem poderia ficar quieto á sombra duma sinecura praticamente irresponsavel, decidiu-se pelo contrario, pelo trabalho, pela movimentação, pelo estudo de problemas que sériamente interessam á comunidade não só mineira, mas tambem nacional. Senão vejamos simplesmente os enunciados dos tres ensaios, cujo balanço não nos cabe aqui fazer. 1) — A organização judiciaria de Minas Geraes e a assistencia á infancia desvalida e criminosa. 2) — A eugenização do homem é um bom negocio para o Tesouro do Estado (objeções ás afirmativas de Ingenieros de que “al Brasil le faltan el clima y la raza” e que “la masa de negros e mulatos que forma el substratum de su poblacion” deve descontar-se como elemento de progresso. 3) — A autonomia dos municipios á luz do nosso artificialismo constitucional” Por ai se vê a natureza da curiosidade, da capacidade estudiosa do Sr. J. H. que num parlamento agitava problemas mais importantes que as simples discussões sobre aumento de subsidio...

L. A. A.

*Fronteiras* — RECIFE — Anno I —  
Numero II.

Abrimos hoje nossas colunas para o registro dessa excelente publicação pernambucana que, redatoriada pelos Srs. Arnobio Tenorio Wanderley, Manoel Lubambo e Willy Lewin, obedece a um programa de orientação confessionalmente católica, realizando um tipo feliz de jornal em que ha o artigo profundo e sério ao lado do comentario ligeiro e trepidante. Nesta edição, destacam-se estudos que de fato exprimem um sentido novo das gerações do norte, sempre surpreendente.

L. A. A.



*O Deus Desprezado* — Pe. Julio Maria  
— Ed. Est. Artes Graficas, 1932.

Precedido de um prefacio do sr. Soares de Azevedo e de uma breve noticia biografica do ardoroso autor, apresentam-se em reedição as homilias do notavel orador sacro que tem como tema o **DEUS DESPREZADO e A GRAÇA**.

A alma incendiada do sacerdote que pagina a pagina movimenta e anima com uma força de expressão a austeridade de sentimento todo original, os capitulos do livro escrito, embora ha quatro decadas, marca de traços impressionantes todo o trabalho e deixam sentir que, si ha argumentos caducos pela acção inevitavel do tempo, ha, tambem, os que não envelhecem porque transcendem o homem e as idades.

A presente apreciação não é uma critica. E' uma noticia do trabalho em cujo autor devisamos o sacerdote austero e zeloso semeando capitulos de fé, esperança e amor sadio por todo esse imenso campo do livro em que se agitam as mais nobres faculdades do homem já se baixando ás vilezas do vicio, já subindo ás culminancias da virtude. Em meio a tudo isso, é bem dever assinalar esse amor cristão que divorciando-se de uma solidariedade que tem como fundamento o egoismo que, si não chamamos intuitivò podemos dize-lo civilisado, é uma excepção.

Pois, tem como fundamento (a solidariedade em si) o homem procurando os interesses proprio seja nos circulos estreitos do individualismo, seja neste ambito um pouco mais vasto e, por isso mesmo, mais vago do socialismo.

O homem é por toda parte e sempre o mesmo homem. E' um ser por excelencia limitado. Com ele tudo conhece fronteiras. Em tudo ele se reflete. E suas imagens são, em tudo, a restrição de tendencias com probabilidades infinitas de desenvolvimento que quando projetadas sobre o plano do humano acanham-se e crescem o pouco que lhes permite o tempo e o espaço.

E' preciso romper esses limites. Eis, por certo, s inquietação do homem. As mais engenhosas doutrinas caducam. E, então, voltamos sempre a esse plano exterior: que, em altura, é Deus, e, vastidão o infinito. Só ahi se integra na "lei universal ditada para o mundo inteiro, e que obriga tanto na America e na Oceania como nos velhos continentes, nas vastas regiões da Asia, como nas cidades populosas da Europa, nos gelos antarticos como nas areias abrasadas da Africa".

31, Setembro, 1932

J. J. S.